



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB  
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais  
– FAJS

**LUÍSA PAVARINO SPEZIA**

**MECANISMOS DE PROPAGANDA UTILIZADOS PELOS ESTADOS  
UNIDOS PARA CONTER A DISSEMINAÇÃO DE IDEIAS  
COMUNISTAS NA GUERRA FRIA: O CASO DA GUERRA DO VIETNÃ**

**BRASÍLIA  
2015**

**LUÍSA PAVARINO SPEZIA**

**MECANISMOS DE PROPAGANDA UTILIZADOS PELOS ESTADOS  
UNIDOS PARA CONTER A DISSEMINAÇÃO DE IDEIAS  
COMUNISTAS NA GUERRA FRIA: O CASO DA GUERRA DO VIETNÃ**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Orientadora: Profa. Aline Maria Thomé Arruda

**BRASÍLIA  
2015**

**LUÍSA PAVARINO SPEZIA**

**MECANISMOS DE PROPAGANDA UTILIZADOS PELOS ESTADOS  
UNIDOS PARA CONTER A DISSEMINAÇÃO DE IDEIAS  
COMUNISTAS NA GUERRA FRIA: O CASO DA GUERRA DO VIETNÃ**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Orientadora: Profa. Aline Maria Thomé Arruda

Brasília, 25 de maio de 2015.

Banca Examinadora

Aline Maria Thomé  
Profa. Orientadora

João Paulo Araújo  
Prof. Orientador

Frederico Seixas Dias  
Prof. Orientador

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe e ao meu padrasto, Telma e João Pedro, pelo apoio incondicional e por despertar em mim o interesse pelas Relações Internacionais.

À minha família, em especial aos meus avós, Roberto e Conceição, pelo carinho e por me ensinarem que, com a motivação, tudo é possível.

À minha prima e irmã, Tatiana Pavarino, pelo conforto nas horas mais difíceis.

Ao Wagner, por caminhar ao meu lado durante todo esse processo acadêmico. Sem seu companheirismo, isso não seria imaginável.

Aos professores dessa instituição, por compartilharem comigo seu conhecimento, e à Aline Maria Thomé Arruda, por dezoito meses seguidos de dedicação, auxílio e paciência, sem cuja orientação não teria sido possível dar a este trabalho sua forma final.

"Propaganda is a soft weapon; hold it in your hands too long, and it will move about like a snake, and strike the other way." Jean Anouilh, *L'Alouette*, 1952

## RESUMO

O envolvimento dos Estados Unidos com o Vietnã foi um dos acontecimentos mais significativos da era pós-Segunda Guerra Mundial. A intensa evolução dos meios de comunicação neste período configurou um cenário ideal para a difusão de propagandas como estratégia política. Esta monografia concentra-se nos efeitos da propaganda política oficial americana em relação à sua população interna e nas consequências diante da arena internacional. Para isso, são analisados exemplos de propaganda utilizada na intenção de conter o comunismo durante o período da Guerra Fria, com ênfase na Guerra do Vietnã, sob uma perspectiva liberal. As administrações destacadas são as dos presidentes Lyndon Johnson e Richard Nixon pelo fato de representarem períodos de maior intensificação das propagações midiáticas. Dessa forma, são ilustrados exemplos nítidos da propaganda da época, seguidos pela classificação de cada uma delas de acordo com os seguintes modelos de propaganda propostos por Welch (2013): *white propaganda*, *grey propaganda* e *black propaganda*. O trabalho também examina o grau de eficácia dessas propagandas e de mobilização do público americano interno. Esta pesquisa utilizou-se das metodologias histórica e comparativa.

**Palavras-chave:** Guerra Fria. Guerra do Vietnã. Propaganda. White Propaganda. Grey Propaganda. Black Propaganda.

## **ABSTRACT**

The United States' involvement in the Vietnam War was one of the most significant events in the post-World War II Era. The intensified evolution of the mass media identified in this period provided the perfect scenario for the diffusion of propaganda as political strategy. This monograph concentrates on the effects of Official American Propaganda on its public at home and its consequences in the international arena. Examples of propaganda attempts to contain communism during the Cold War period, with a focus on the Vietnam War will be analyzed from a liberal perspective. Both Lyndon Johnson's and Richard Nixon's administration, moments with intensified spread of media, will be emphasized. Clear examples of propaganda from this specific period will be analyzed and classified in David Welch's earlier proposed model, which differentiates white propaganda, grey propaganda and black propaganda. This monograph will also examine the efficiency level these propagandas had in mobilizing the American public. This research was done based on both the historical and the comparative methods.

**Key words:** The Cold War. The Vietnam War. Propaganda. White Propaganda. Grey Propaganda. Black Propaganda.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rosie the Riveter, de Norman Rockwell .....	23
Figura 2 - A cortina de ferro e a divisão da Europa.....	36
Figura 3 - Lord Kitchener "Your Country Needs You" .....	42
Figura 4 - The Red Iceberg .....	48
Figura 5 - "My dear son" .....	49
Figura 6 - "It's your choice: where do you draw the line against communist aggression?" .....	52
Figura 7 - "The struggle in South Vietnam" .....	57
Figura 8 - Vietnam war, 1967 .....	58
Figura 9 - Folhetim SP-769, da <i>Joint United States Public Affairs Office</i> .....	60
Figura 10 - The Victory Salute .....	64
Figura 11 - "Stop the Bombing Now" .....	67
Figura 12 - "Nazi Nixon" .....	68



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 PROPAGANDA E PODER NA POLÍTICA INTERNACIONAL .....</b>	<b>11</b>
1.1 Interdependência e poder no campo das Relações Internacionais: tipos, desenvolvimento do conceito e concepções.....	11
1.2 A relação entre mídia e <i>soft power</i> .....	16
1.3 Modelo de propaganda e consenso manufaturado.....	17
1.4 Propaganda: conceito e origem .....	18
1.5 Tipos de propaganda a serem reconhecidos: <i>black</i> propaganda, <i>grey</i> propaganda e <i>white</i> propaganda .....	24
<b>2 A GUERRA FRIA E AS DISPUTAS POR ZONAS DE INFLUÊNCIA.....</b>	<b>27</b>
2.1 As potências e o cenário pós-1945.....	27
2.2 <i>A Pax Americana</i> e a criação da Organização das Nações Unidas .....	29
2.3 A Doutrina Truman.....	31
2.4 O Plano Marshall e a resistência soviética .....	32
2.5 As zonas de influência .....	34
2.6 Duas superpotências e a bipolarização hostil.....	37
2.7 A intensificação da possibilidade de catástrofe nuclear.....	39
2.8 Os Estados Unidos e os instrumentos de propaganda na Guerra Fria .....	41
<b>3 PROPAGANDA NORTE-AMERICANA UTILIZADA NA GUERRA DO VIETNÃ.....</b>	<b>44</b>
3.1 Conflitos na Indochina e eventos antecedentes à Guerra do Vietnã .....	44
3.2 Lyndon Johnson e o início da Guerra do Vietnã .....	50
3.3 <i>The Credibility Gap</i> .....	61
3.4 A campanha propagandista de Richard Nixon.....	62
3.5 O término da Guerra do Vietnã .....	66
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

O século XX foi fortemente marcado pelo desenvolvimento do uso de uma importante estratégia: a propaganda política. Os jornais, os rádios, as revistas e a televisão criaram, em conjunto, mecanismos para informar e manipular uma audiência em massa. Na segunda metade desse século, ocorreu a intensificação da bipolarização e sua conseqüente divisão global em dois blocos antagônicos, gerando um profundo conflito ideológico. Esse período, conhecido como Guerra Fria, foi amplamente caracterizado pela disputa ideológica entre o capitalismo ocidental e as tendências socialistas do leste e pelo uso de estratégias diversas para o exercício de poder no cenário internacional. Por meio de uma delas, a propaganda, os Estados Unidos e a União Soviética disseminaram suas aspirações globais através de diversos mecanismos com o intuito de conquistar o maior número de zonas de influências para promover seu regime no âmbito externo. A propaganda política mostrou-se uma grande aliada das superpotências na missão de persuasão pública durante esse momento.

Dentro desse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar o período específico da Guerra Fria em que a propaganda oficial americana foi utilizada de maneira mais extensiva para refutar os ideais comunistas e promover os interesses capitalistas dos Estados Unidos, de forma a conter a crescente expansão comunista, ou seja, a Guerra do Vietnã.

Procura-se responder as seguintes questões de pesquisa: quais foram as ferramentas propagandistas utilizadas pelo governo norte-americano para conter a expansão da ideologia comunista no período de hostilidade bipolar e, especificamente, na Guerra do Vietnã? Quão eficaz elas se mostraram nesse momento? Pode-se afirmar que o objetivo de pesquisa é de extrema importância, pois, conforme será demonstrado nos capítulos seguintes, a implementação da propaganda política teve um papel essencial e influenciou diretamente nos resultados do conflito.

O primeiro capítulo oferece o referencial teórico necessário para a abordagem da pergunta de pesquisa. Nele, serão esclarecidas as diversas definições de poder no campo das Relações Internacionais, bem como as origens e o conceito de

propaganda política, que, por sua vez, será classificada em três tipos: *white propaganda*, *grey propaganda* e *black propaganda*. É importante destacar que, nesta monografia, a interdependência complexa é utilizada como uma perspectiva de entendimento do cenário internacional, e não como um referencial para a análise teórica. A perspectiva liberal foi uma escolha de recorte do trabalho, dentre várias outras possíveis.

A segunda unidade resume o cenário pós-Segunda Guerra Mundial e o desencadeamento da Guerra Fria, contextualizando os antecedentes da bipolarização hostil e da Guerra do Vietnã. O terceiro capítulo tem como objetivo explorar os mecanismos de propaganda utilizados pelos Estados Unidos para conter a disseminação de ideais comunistas durante a Guerra do Vietnã. Foram destacados os governos dos presidentes americanos Lyndon Johnson e Richard Nixon, pois eles englobaram grande parte do conflito na Indochina. Essas propagandas serão caracterizadas de acordo com os tipos acima mencionados. Será analisado também o grau de sua eficácia e seus resultados.

A relação entre a mídia e o público nos Estados Unidos, fortemente intensificada pelo governo durante o período dos conflitos do Vietnã, é uma questão de alta relevância. Esse vínculo reverbera até os dias atuais, com uma renovada desconfiança da população norte-americana em relação às informações divulgadas pelas agências estatais. A propaganda política é vastamente utilizada atualmente, o que torna seu reconhecimento e seu questionamento cruciais. As lições aprendidas na Guerra do Vietnã possibilitaram a sociedade a questionar a veracidade das informações divulgadas e os filtros impostos sobre elas.

A metodologia predominante escolhida para este trabalho é o método histórico, pois baseia-se em uma análise de fatos ocorridos até 1976. Ocasionalmente, o método comparativo também é empregado para relacionar as diferentes propagandas utilizadas nas administrações americanas correspondentes aos períodos em questão. Dessa forma, as duas práticas se complementam e possibilitam chegar a conclusões mais sólidas e abrangentes.

# **1 PROPAGANDA E PODER NA POLÍTICA INTERNACIONAL**

O século XX representou um importante marco no campo das Relações Internacionais devido à solidificação e à introdução de novos atores e temas na agenda internacional. Entre eles, destaca-se o desenvolvimento da mídia e o aperfeiçoamento das técnicas propagandistas. Este capítulo aborda a construção de uma nova sociedade internacional que se concretiza com o desenrolar da Guerra Fria. Duas perspectivas de poder serão abordadas nesse momento: a realista e a liberal. Nesse contexto, evidencia-se a ascensão de novos conceitos e o fortalecimento das teorias neoliberais enraizadas na construção de uma interdependência global. Discute-se, também, a prevalência do monopólio norte-americano, tanto do campo das Relações Internacionais em geral quanto no protótipo de modelo de comunicação de massa e nos tipos de propaganda evidenciados no período da Guerra Fria.

## **1.1 Interdependência e poder no campo das Relações Internacionais: tipos, desenvolvimento do conceito e concepções**

O cenário pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado pela solidificação e pela construção de uma interdependência global (NYE, 2009). É importante, nesse ambiente, distinguir dois conceitos: a interdependência e a globalização. Embora ambos tratem de fenômenos complementares, eles não podem ser interpretados como sinônimos. A definição de interdependência foi sintetizada no contexto da Guerra Fria, com a intenção de explicar a realidade da época e o desenvolvimento da sociedade civil. Considera-se a interdependência uma dependência mútua entre Estados (NYE, 2009).

Já a globalização é muitas vezes responsável pelo aprofundamento intensificado das lacunas materiais existentes entre diferentes classes sociais e econômicas. É fundamental destacar que a globalização não é universal nem é acompanhada pela homogeneização ou pela igualdade. Apesar das diferenças, ela faz parte do processo de consolidação da interdependência, assim como a interdependência constitui parte fundamental no desenrolamento da globalização. “A

globalização é o subconjunto da interdependência que ocorre em distâncias mundiais.” (NYE, 2009, p. 246).

O termo “poder” é de difícil conceitualização, pois não possui definição estática, variando drasticamente em diversas correntes das Relações Internacionais. Apesar disso, é seguro afirmar que o poder é sempre reconhecido como um elemento essencial da política. Para a perspectiva realista, os assuntos estratégicos que envolvem a segurança militar do Estado são considerados elementos de *high politics*, enquanto as questões econômicas e sociais são reduzidas a *low politics* (KAUPPI; VIOTTI, 2012). Os teóricos realistas defendem que os Estados usem o poder que possuem para perseguir interesses e atingir objetivos diversos. A questão do poder é, então, entendida, em termos materiais, como a capacidade de fazer prevalecer seus propósitos em relação aos dos outros Estados (KAUPPI; VIOTTI, 2012).

É fundamental destacar que a corrente realista não é completamente homogênea. Sabe-se que nem todos os teóricos que se identificam como realistas encaixam-se no paradigma ideal dessa linha de pensamento (KAUPPI; VIOTTI, 2012). Os realistas clássicos reconhecem o sistema internacional como anárquico, ou seja, uma esfera ausente de autoridade suprema a ser posicionada acima dos Estados. Os Estados soberanos atuam, na carência de regras nítidas, para garantir seus interesses próprios, que são a busca pela segurança e, conseqüentemente, pela sobrevivência. Para garanti-la, é fundamental a mobilização de todas as capacidades nacionais (MESSARI; NOGUEIRA, 2005). “Com isso, a obrigação dos líderes políticos e dos tomadores de decisões é lutar pela sobrevivência do Estado nas Relações Internacionais.” (MESSARI; NOGUEIRA, 2005, p. 28).

Já os teóricos realistas moderados, como Edward Carr, apontam o poder como um instrumento indispensável do governo. A falha em reconhecer a força armada como um elemento fundamental da política internacional no período pós-Primeira Guerra resultou, para Carr (1939), no fracasso da consolidação de um governo internacional na época.

O poder político, por sua vez, pode ser dividido em três categorias: militar, econômico e sobre opinião (CARR, 1939). Essas categorias são, até certo ponto,

interdependentes. É difícil imaginar um Estado que possua algum tipo desses poderes isolado dos outros. “Em sua essência, o poder é um todo indivisível.” (CARR, 1939, p. 143). O poder militar é concebido pelos acadêmicos realistas clássicos como uma esfera de suprema importância. Já para os realistas moderados, a utilização do poder bélico não seria uma arma desejável, porém necessária como último recurso. Para Carr (1939 *apud* MESSARI; NOGUEIRA, 2005), o realismo e o idealismo são complementares, e não mutuamente exclusivos. A força econômica sempre foi também um instrumento do poder político, embora seja comumente associada ao instrumento militar. O Estado mais rico possui, naturalmente, mais recursos para investir em seu exército.

O poder sobre opinião não deve ser subestimado, pois é essencial aos objetivos políticos e não menos relevante do que os poderes militar e econômico. O poder de persuasão pode ser entendido como um atributo que caracteriza grandes líderes políticos. A opinião popular deve ser considerada como uma arma substancialmente moderna.

O problema do poder sobre a opinião, em sua moderna forma de massa, foi criado por desenvolvimento na técnica econômica e militar – pela substituição do artesanato individual por indústrias de produção em massa, e da força profissional voluntária pelo exército de cidadãos colocados. A política contemporânea é dependente da opinião de grandes massas de pessoas mais ou menos politicamente conscientes, dentre as quais as que mais se manifestam, as mais influentes e as mais acessíveis à propaganda são as que vivem nas grandes cidades ou em torno delas. (CARR, 1939, p. 173)

Embora se tenha reconhecido as três divisões de poder anteriormente citadas por Carr (1939), o enfoque desse trabalho cairá sobre as perspectivas liberais e neoliberais no campo das Relações Internacionais. Em contraste à questão realista de poder e de equilíbrio de poder como centro das Relações Internacionais, envolvendo tópicos como a competição política e econômica e a guerra, os liberais mostram-se mais interessados em definir sobre quais condições a cooperação internacional torna-se possível. A ênfase é retirada do Estado como núcleo do sistema e redistribuída para outros *players*, como as organizações internacionais e as entidades não estatais. A imagem liberal pode ser definida como pluralista (KAUPPI; VIOTTI, 2012).

Nye (2009), assim como outros autores neoliberais, fornece diversas críticas ao protótipo do poder militar. Ele indaga se seria esse, realmente, o fator preponderante no sistema. A importância bélica seria, no contexto da interdependência complexa, criticamente reduzida. Embora o poder militar continue sendo um dos tópicos de maior peso na agenda das Relações Internacionais, o mundo não pode mais ser pensado como um todo ilimitado, da mesma forma evidenciada no século XIX, na qual uma potência possuidora de grande poder seria aquela que prevaleceria em um panorama de guerra total. Em um parâmetro generalizado, Nye (2009) define “poder” como a habilidade de um Estado de garantir resultados favoráveis aos seus interesses. Nesse conceito, os termos “poder” e “influência” aproximam-se notavelmente e são intercambiáveis.

Existem três termos fundamentais para o campo das Relações Internacionais a respeito do poder na esfera política. Esses termos, introduzidos por Nye (2009), são: *hard power*, *soft power* e *smart power*. O primeiro descreve os poderes militar e econômico de forma direta, ou seja, o poder coercitivo que pode induzir os atores globais a mudarem de posição devido ao temor ou às ameaças verbais e não verbais. Porém, existe também uma forma indireta de exercer o uso de poder. Um Estado pode obter os resultados que deseja no âmbito político pelo fato de outros Estados desejarem seguir os seus exemplos, admirar seus valores e aspirar o seu nível de prosperidade e desenvolvimento (NYE, 2011). Nesse sentido, atrair e seduzir outros Estados passa a ser tão importante para um Estado quanto forçá-los ou intimidá-los a garantir seus interesses na agenda política global. Esse aspecto de “fazer com que outros queiram o que você quer” é definido pelo autor como *soft power*.

*Soft power* não deve ser entendido meramente como um sinônimo de influência, embora seja uma fonte dela; é mais do que a persuasão ou a habilidade de dissolver posições por meio de argumentos. É a habilidade de atirar e de atrair, e é a atração que leva à imitação e à aquisição. *Smart power* seria, então, a combinação desses dois tipos de poder, resultando na capacidade de coerção com a habilidade de convicção e atração (NYE, 2011).

O recurso de *soft power* não deve ser, de forma alguma, menosprezado. Em muitos casos, ele se mostra muito mais eficaz do que o poder de coerção. O *soft*

*power* de um Estado pode ser determinado por três fatores: a cultura, os valores políticos e a política externa (NYE, 2011). Quando a cultura de uma nação preenche critérios de valores universais e promove morais compartilhados por outros, a probabilidade de que ela adquira resultados desejáveis é alta. Valores extremistas compartilhados por minorias possuem menos probabilidade de produzir *soft power*. Os Estados Unidos possuem vantagens por serem constituídos por elementos multiculturais e universais. Joffe (2006) argumenta que o *soft power* americano é superior até mesmo à sua capacidade econômica e militar.

A diversificação na agenda da constituição do que se entende como poder, do século XIX ao século atual, solidifica o argumento de que os Estados possuem outros elementos persuasivos além de sua agressividade. O período pós-Segunda Guerra, especialmente a década de 1970, marcou uma época de profundas readaptações na realidade da agenda internacional. As relações de poder passaram a ser direcionadas às esferas políticas e econômicas. O mundo da interdependência complexa seria figurado como uma realidade antirrealista. Isso ocorre devido à inversão dos três pressupostos básicos realistas: o Estado como único protagonista, a força militar como o instrumento dominante e a segurança como a meta principal. O cenário da Guerra Fria trouxe uma possibilidade de revisão dessa concepção. Devido à existência de grandes empresas transnacionais atuando além de suas fronteiras, os Estados deixaram de ser os únicos protagonistas no cenário global e a manipulação econômica tomou o lugar da força como instrumento dominante e da segurança como meta predominante (NYE, 2009).

Devido à forte influência de correntes neoliberais, a política internacional moderna tem se tornado mais *soft* (GALLAROTTI, 2011), exemplificando a necessidade de sua prevalência sobre o poder de força. De acordo com Gallarotti (2011), nesse novo sistema que vem se transformando desde a década de 1970, o *soft power* tenderá, cada vez mais, a tornar-se um elemento crucial para a conquista da influência sobre as decisões dos Estados devido à crescente dificuldade de compeli-los por meio da força. Embora esse ponto de vista específico não se trate de um consenso, é importante destacá-lo para ilustrar um cenário em que o *soft power* adquirirá, possivelmente, cada vez mais relevância no âmbito internacional.



## 1.2 A relação entre mídia e *soft power*

Embora a interferência e a influência dos meios de propagação de informações sejam evidentes, o estudo das Relações Internacionais não lhes atribui um papel de protagonista no sistema. A teoria internacionalista enxerga a mídia somente como um ator coadjuvante (MARINUCCI, 2008).

O campo das Relações Internacionais tende a preocupar-se com a delimitação dele próprio, assim como com a possível interferência de outras áreas. Uma justificativa para o lento reconhecimento dos impactos da mídia sobre ele é a presença de um forte positivismo metodológico na área. Esse fator explica, possivelmente, a resistência em abordar temas pouco convencionais, como a mídia (MARINUCCI, 2008).

A análise das Relações Internacionais sofre grande influência da academia norte-americana, sendo praticamente, moldada por ela. Devido a esses padrões, o *hard power* é concebido como elemento predominante, visando estabelecer e manter questões que abordam os temas de segurança, armamento e defesa.

Por sua vez, o assim chamado “Soft Power”, termo usado para se referir de modo genérico às disputas em torno das ideias e à capacidade de persuasão, é reconhecido, mas apenas como auxiliar, e jamais como protagonista das teorias das relações internacionais. (SMITH, 2002 *apud* MARINUCCI, 2008, p. 3)

A citação acima exemplifica novamente a predominância do *hard power* sobre o *soft power* no campo das Relações Internacionais. Como já visto anteriormente, o *soft power* é o conceito formulado por Nye (2009) com o intuito de descrever a habilidade política dos atores das Relações Internacionais, tanto estatais como paraestatais, em influenciar diretamente o comportamento e os interesses dos *players* desse sistema.

Para Nye, o conceito básico de *soft power* relaciona-se com a habilidade de influenciar os outros a fazer aquilo que se deseja, sem necessidade de emprego da força bruta (*hard power*), tendo em vista que essa sempre foi a medida realista de poder predominante. (OLIVEIRA, 2010, p. 257)

O mesmo autor identifica diversas influentes fontes de *soft power* presentes no contexto mediático. Nye (2004) também aborda a necessidade de “conversão do poder”, que vai do poder potencial para o real.

A mídia, em geral, consegue fazer essa conversão com grande eficácia, tendo em vista que, diante da abundância de informação, são os meios de comunicação de massa que primeiro filtram os fatos relevantes e os transformam em notícias levando-os ao conhecimento público. (OLIVEIRA, 2010, p. 259)

Torna-se necessário destacar, em um contexto de crescente globalização e interdependência, o potencial que a mídia pode exercer na obtenção de *soft power*, tanto atual como futuramente. Os formuladores de política, principalmente os norte-americanos, deveriam ceder maior relevância às influências dos diversos meios de comunicação (COLONA, 2012).

### 1.3 Modelo de propaganda e consenso manufacturado

Pode-se dizer que em um Estado totalitário, a opinião pública é praticamente inexpressiva. Nesse cenário, o Estado possui a capacidade de, por meio da aplicação da força coercitiva, controlar e manipular a sociedade civil. Mas o que se faz no momento em que o Estado perde esse instrumento de repressão? Constitui-se, então, um grande dilema: quando a audiência não pode ser controlada por mecanismos de força, sua voz é de difícil contenção (CHOMSKY *apud* ACHBAR; WINTONICK, 1992).

Em um sistema democrático, a opinião pública é altamente relevante. No momento em que essa opinião não é mais favorável aos interesses do Estado, como seria ele capaz de dissolvê-la? É nesse cenário que se destaca a importância da propaganda política. Quando não se pode obrigar a população a agir da maneira desejada por meio da força, deve-se tentar controlar a forma como ela pensa (CHOMSKY *apud* ACHBAR; WINTONICK, 1992).

Para Chomsky (*apud* ACHBAR; WINTONICK, 1992), os atuais governos, democráticos ou totalitários, reconhecem esse problema, mas o abordam de maneira distinta. Enquanto as democracias alegam defender as opiniões das massas, os regimes totalitários estabelecem um padrão e forçam a adaptação de todos a ele.

As democracias, ou os grupos que as controlam, por sua vez, não são totalmente inocentes na arte de moldar e dirigir a opinião das massas. Os propagandistas totalitários, sejam marxistas ou fascistas, insistem continuamente no caráter ilusório da liberdade de opinião nos países

democráticos. Permanece um sólido substrato de diferença entre a atitude das democracias e dos estados totalitários no que diz respeito à opinião das massas, que pode ser um fator decisivo em tempos de crise. Ambos, todavia, concordam em reconhecer sua importância fundamental. (CARR, 1939, p. 174)

Para compreender como uma sociedade funciona, deve-se entender e levar em consideração a maneira como é governada. Isso inclui esclarecer quais e de quem são os interesses predominantes promovidos por meio da instituição da propaganda. Assim como a violência, a propaganda age da mesma forma que no mecanismo de manipulação e na mobilização da opinião pública.

Chomsky (*apud* ACHBAR; WINTONICK, 1992) aborda um importante termo propagandista: o consenso manufaturado. Ele apresenta um modelo de propaganda americana que divide seu alvo em dois grupos. O primeiro contaria com 20% da população e seria constituído pela classe política que recebeu, de alguma forma, um nível satisfatório de educação ao longo de sua vivência. Esse grupo participaria regular e ativamente da política social. O eventual consenso desses 20% seria considerado um elemento crucial. O segundo grupo contabilizaria 80% da população, que seria treinada a não pensar e a, simplesmente, obedecer ordens estabelecidas pelos interesses do Estado. Esse grupo seria induzido a um estado de relativa apatia política. Niebuhr (1960) afirma que “ilusões necessárias” seriam instituídas para manipular essa parcela, constituída por indivíduos relativamente incompetentes e, conseqüentemente, sem opiniões relevantes formadas.

O modelo ressaltado por Chomsky (*apud* ACHBAR; WINTONICK, 1992) destaca a existência de filtros de mídia impostos pelas grandes corporações, que selecionam e restringem as informações dissipadas para promover os interesses da parcela dominante da sociedade. As perspectivas não conformadas ou mais radicais seriam isoladas e excluídas, pois, afinal, nenhum grupo de poder adotaria mecanismos contrários a seus interesses. Utiliza-se esse modelo como o de propaganda predominante norte-americana no período da Guerra Fria.

#### **1.4 Propaganda: conceito e origem**

Embora o emprego da propaganda remonte há milhares de anos, foi no século XX, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, que seu uso foi largamente

difundido. Os grandes conflitos vivenciados no século XX deram à propaganda as condições que ela necessitava para florescer. O termo propaganda, na acepção política, é de difícil definição, principalmente quando inserido em um contexto de evoluções e mudanças dos meios de comunicação (WELCH, 2013).

Welch (2013, p. 2) define a propaganda como “a disseminação de ideias intencionadas a convencer pessoas a agirem e pensarem de um modo particular para um propósito particular”. Mais precisamente, a propaganda pode ser definida como uma tentativa deliberada de influenciar a opinião pública de uma sociedade, por meio da transmissão de ideais e de valores, para atingir propósitos específicos, na intenção de garantir interesses próprios do propagandista, direta ou indiretamente.

Embora a propaganda tenha sido explorada e empregada de forma extensiva em períodos anteriores, foi no contexto da Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, que seu *status* foi elevado a algo bem mais “sinistro” (WELCH, 2013, p. 15). Sendo a propaganda uma arma estruturada também para os tempos de guerra, evidencia-se o surgimento de um novo elemento fundamental: uma audiência em massa sustentada pelo desenvolvimento contínuo da mídia. Os governos passaram a compreender a necessidade de mobilizar setores industriais para a guerra, por meio da disseminação de informações a um conglomerado, em um tempo relativamente curto. As autoridades reconheceram que a mídia não poderia ser abafada e negligenciada. Uma consequência da amplificação dos veículos de comunicação de massa foi a maior preocupação dos Estados com a agenda internacional (WELCH, 2013).

O poder de influência estadunidense, naquele período, merece ser destacado. O rádio e a mídia impressa não eram os únicos meios de disseminação de propaganda. Hollywood promovia diretamente os valores culturais americanos e as posturas políticas dominantes. Segundo Welch (2013), em 1923, mais de 85% dos filmes exibidos na França eram de origem americana. Até 1939, os Estados Unidos possuíam aproximadamente 40% da indústria cinematográfica. Esse fator foi, inegavelmente, responsável pela facilitação da projeção dos ideais americanos ao resto do mundo, aumentando seu alcance de *soft power*.

No cenário pós-Primeira Guerra, tornou-se claro que uma nação dominante, desenvolvendo posturas favoráveis à sua dominância, poderia impor sua opinião sobre os outros (CARR, 1939). Como disse Hitler (1926 *apud* CARR, 1939, p. 186), um dos propagandistas e totalitários mais destacados na história da mídia, “por meio de uma propaganda astuta e persistente, mesmo o céu pode ser representado a um povo como o inferno, e a vida mais infeliz como o paraíso”. É importante destacar, contudo, que nem Hitler nem os maiores defensores da propaganda acreditavam no seu poder ilimitado. De acordo com Carr (1939), o poder absoluto sobre a opinião é limitado de duas maneiras. Primeiramente, o poder de persuasão seria restrito por algum grau de relacionamento com o fato. Uma boa publicidade poderia convencer o público de que um cosmético é de maior qualidade do que outro, mas nem mesmo o melhor propagandista seria capaz de vender um produto à base de ácido sulfúrico.

Os métodos adotados por Hitler apontam a futilidade da propaganda alemã: os inimigos do III Reich eram caracterizados como seres “ridículos e desprezíveis” (1926 *apud* CARR, 1939, p. 187). Esse exemplo de propaganda não foi bem sucedido devido à inverdade evidente da afirmação. Existe uma constante ameaça, em um período de propaganda competitiva, de que a verdade eventualmente aparecerá. Por causa desse perigo, há um limite do poder sobre a opinião pública. A educação é um dos melhores antídotos contra esse manejo de poder, devido à possibilidade de questionamento (CARR, 1939).

O segundo ponto que limita o poder sobre a opinião pública é constituído pelo pensamento utópico intrínseco à natureza humana. A propaganda chega a um momento em que ela indaga sua própria origem, desafiando seu próprio objetivo.

No período pós-Primeira Guerra, a propaganda esteve diretamente associada aos veículos que a educação pública tornou possível, como o rádio, o cinema e a imprensa popular (CARR, 1939). Esses três meios de comunicação foram mecanismos diretamente associados aos atributos clássicos do desenvolvimento industrial da época, ou seja, de que a produção em massa constituiria uma condição indispensável para o trabalho econômico eficiente. A administração e a distribuição de bens e serviços, concentradas em um número de mãos cada vez menor, passou a centralizar o controle da opinião pública. Pode-se afirmar que a concepção de liberdade de pensamento do início do século XX foi drasticamente impactada pelo

desenvolvimento desses novos instrumentos extremamente poderosos de influência sobre a opinião pública. Evidenciava-se um cenário em que a opinião pública não possuía mais condições de isenção de controles artificiais.

Nos Estados Unidos, assim como na maioria dos países democráticos, havia uma visível tendência de controle centralizado da propaganda. Grandes corporações seriam poderosas demais para o funcionamento da sociedade se permanecessem independentes do governo. Elas buscariam uma colaboração voluntária com o Estado, pois, caso contrário, existiria a possibilidade de serem formalmente controladas por ele.

O governo soviético, instaurado pela Revolução Bolchevique de 1917, foi o primeiro a introduzir a propaganda como um instrumento regular de suas Relações Internacionais (CARR, 1939). Quando os bolcheviques tomaram o poder na Rússia, não dispunham das tradicionais armas militares e econômicas. A força era regida unicamente por meio de esforços para mobilizar a opinião pública de outros países. Mesmo um realista, como Carr (1939), ressaltou a importância do *soft power*, ao defender que deveria, nesse caso, ser utilizado ao máximo, podendo suprir até mesmo as outras duas esferas de poder político. Tropas alemães foram desestimuladas por meio de panfletos de propaganda e de confraternização entre as linhas. Em seguida, a utilização da propaganda em países aliados possibilitou a paralisação da intervenção aliada russa durante a guerra civil. Assim, a Rússia Soviética foi o primeiro Estado a estabelecer, sob forma da Internacional Comunista, uma organização internacional permanente de propaganda em larga escala (CARR, 1939).

O desencadeamento da Segunda Guerra Mundial permitiu o emprego da propaganda em uma escala jamais antes vista. Democracias modernas e ditaduras totalitárias emergiram da Primeira Guerra, e as hostilidades evidenciadas em 1939 foram um testemunho à incompatibilidade entre os dois sistemas. Mais uma vez, a propaganda destacou-se como uma arma de peso significativo. Nos estados totalitários, como a Itália, a Alemanha, o Japão e a União Soviética, a mídia oficial tornou-se parte do aparato burocrático do Estado. Nas democracias liberais, contudo, a questão era mais problemática e as autoridades apropriavam-se de todas

as formas de comunicação por meio da imposição de censuras extremamente rígidas (WELCH, 2013).

Quando entrou na guerra em 1941, o governo dos Estados Unidos utilizou a propaganda por meio da Secretaria de Informação de Guerra (*Office of War Information* - OWI) e da Secretaria de Serviços Estratégicos (*Office of Strategic Services* - OSS<sup>1</sup>). A primeira era responsável pela disseminação da *white propaganda*, e a segunda pela propaganda encoberta, também conhecida como *black propaganda*. Em 1945, a OWI chegou aos 130 mil funcionários e tinha um orçamento de US\$ 110 milhões por ano (WELCH, 2013). O governo norte-americano fazia uso da propaganda para informar seu exército e para mobilizar a população civil. Todos os beligerantes reforçaram a mensagem central já utilizada na Primeira Guerra Mundial: a importância da contribuição popular. Na Grã-Bretanha, o *slogan* mais propagado era “*Your Country Needs You*”<sup>2</sup>, fortalecendo a transmissão de uma guerra compartilhada pelo povo.

Um bom exemplo de estratégia de propaganda americana nesse período foi a solução encontrada pelo governo para combater a escassez de mão de obra disponível. O alvo da propaganda deslocou-se para um novo grupo: mulheres que nunca haviam sido empregadas em larga escala. As imagens produzidas reforçavam e glamourizavam um padrão ideal de mulher trabalhadora que não tinha a feminilidade comprometida por sua nova ocupação. Datilógrafas eram recrutadas por *slogans* como “*Victory Waits on Your Fingers – Keep ‘Em Flying, Miss U.S.A.*”<sup>3</sup> O artista Norman Rockwell criou a personagem Rosie the Riveter, remetendo-a a um estereótipo desejável a ser seguido. Rosie ficou conhecida como a personificação da mulher americana emancipada nos tempos de guerra. Como pode-se verificar na imagem a seguir, essa personagem possuía braços musculares, aproximando-a do padrão masculino, na intenção de transmitir uma imagem de autoconfiança e capacidade (WELCH, 2013).

---

<sup>1</sup> Percussora da *Central Intelligence Agency* (CIA).

<sup>2</sup> “Seu país precisa de você” (tradução nossa).

<sup>3</sup> “A vitória espera na ponta de seus dedos - a mantenha voando, miss E.U.A” (tradução nossa).

Figura 1 - Rosie the Riveter, de Norman Rockwell



Fonte: *site* Learn NC <[http://www.learnnc.org/lp/media/uploads/2009/10/we\\_can\\_do\\_it.jpg](http://www.learnnc.org/lp/media/uploads/2009/10/we_can_do_it.jpg)>.

Outra inovação dessa época foi a elevação do *status* do cinema como instrumento principal de influência de massa. Nos tempos de guerra, o ato de ir ao cinema constituía uma atividade cotidiana, da mesma maneira que na década de 1930, e era reconhecido como uma das formas principais de entretenimento, principalmente para a classe trabalhadora. Como esperado, esse elemento foi explorado extensivamente pelos propagandistas.

A propaganda americana na Segunda Guerra motivava seus cidadãos a produzirem mais, a consumirem menos (na intenção de preservar os recursos escassos), a manterem seus lábios selados e a continuarem odiando seus inimigos (WELCH, 2013).

A Primeira e a Segunda Guerra Mundial demonstraram a extensão do poder da propaganda, mas foi somente após 1945 que as lições aprendidas nesses conflitos foram aplicadas de forma mais extensiva. Com a revolução das comunicações, que agora abrangia a televisão, e com a divisão global em uma bipolarização hostil entre o leste e o oeste, um novo conflito emergia. Uma batalha pelo coração e pela mente



dos homens buscava impor valores ideológicos por meio da conquista de zonas de influências. A ameaça de uma catástrofe nuclear intensificava ainda mais essa conturbação (WELCH, 2013).

### **1.5 Tipos de propaganda a serem reconhecidos: *black* propaganda, *grey* propaganda e *white* propaganda**

*The Big Lie* é um conceito interpretado por propagandistas como a intencional distorção de fatos no âmbito da ciência política. Alguns, como Adolf Hitler e seu ideólogo de propaganda, Joseph Goebbels, faziam uso dessa reformulação de fatos na intenção de compelir seus cidadãos a um determinado curso de ação ou de opinião. Seu argumento era que a propaganda para massas deveria apresentar-se como algo simples e dirigir-se à concentração menos inteligente. Posteriormente conhecido como *The Big Liar*, Hitler afirmava que quanto maior e mais absurda fosse a charlatanice disseminada, mais pessoas estariam suscetíveis a aceitá-la, pois “a grande massa cairá muito mais facilmente em uma grande mentira do que em uma pequena.” (HITLER, 1926 *apud* WELCH, 2013, p. 33).

Welch (2013) propõe um modelo de propaganda que divide as intenções e os objetivos em três grupos distintos: *black propaganda*, *white propaganda* e *grey propaganda*. Essas divisões servem como base para analisar os enquadramentos da propaganda anticomunista no período da Guerra Fria, com ênfase na Guerra do Vietnã, que durou de 1955 a 1975.

A *black propaganda* também é conhecida como propaganda negra ou propaganda coberta. Na intenção de atingir seus objetivos, ela busca ofuscar sua identidade e fazer os outros crerem que se origina de outra fonte diferente da sua própria (WELCH, 2013). Por ser uma operação extremamente discreta e disfarçada, é muito difícil de ser detectada. Seu alcance não é limitado a panfletos, pôsteres e estações de rádio; ela está presente até mesmo na televisão e, atualmente, na internet. Nos primeiros momentos da Segunda Guerra Mundial, os nazistas trabalharam com a *black propaganda*. Eles operaram pelo menos três estações de rádio que visavam dar a impressão de estarem sendo transmitidas de algum lugar da Grã-Bretanha. Uma era chamada de *Radio Free Caledônia* e afirmava ser a voz do nacionalismo escocês. A outra referia a si mesma como a voz dos trabalhadores

e disseminava valores não ortodoxos esquerdistas. A terceira, conhecida como *New British Broadcasting Station*, buscava aproximar-se dos padrões da BBC cobrindo notícias e oferecendo comentários enviesados pró-germânicos. Mesmo não alcançando um grande índice de pessoas, a meta dessas propagandas cobertas era incentivar o descontentamento britânico com suas morais nacionais sustentadas pelo governo. Essa tentativa de propaganda, contudo, não logrou êxito (WELCH, 2013).

A *white propaganda*, também chamada de branca ou aberta, é o oposto da *black propaganda*. Por definição, a propaganda aberta não busca, em nenhum nível, esconder suas origens. Sua fonte é reconhecida e pública, assim como suas intenções e metas. Por esse motivo, é comumente reconhecida como uma propaganda mais verdadeira, ao contrário da propaganda coberta, que tem a credibilidade reduzida (WELCH, 2013). A *white propaganda* tende a ser conduzida por agências reconhecidas de governo. A mensagem que propaga, geralmente, visa convencer uma audiência da superioridade e moralidade de um regime ou ideologia particular. É importante destacar que, embora ela seja reconhecida como uma espécie de propaganda “limpa”, suas mensagens estão quase sempre inclinadas a favor da ideologia de seu emissor.

Já a *grey propaganda*, como o termo sugere, cinza ou semicoberta, está situada entre a *white propaganda* e a *black propaganda*. Sua fonte pode ou não estar identificável, e sua veracidade também é questionável (WELCH, 2013). Nos momentos iniciais da Guerra Fria, a Europa Ocidental já se mostrava bastante preocupada com a influência comunista presente nos países do leste continental. Algumas organizações nacionais fizeram uso da *grey propaganda* na tentativa de pesar a opinião pública contra a instauração de regimes comunistas naquela região. Em 1948, a Secretaria de Relações Exteriores da Grã-Bretanha patrocinou uma agência de propaganda que ficou conhecida como *The Information Research Department*<sup>4</sup> (IRD). A agência era encarregada de defender os ideais democrático-liberais e de tentar conter a propaganda comunista soviética. As medidas secretas tomadas pela IRD eram bastante agressivas. Sua meta não era disseminar a propaganda coberta, mas sim a semicoberta, que seria, nesse caso, um conjunto de

---

<sup>4</sup> “Departamento de Pesquisa de Informação” (tradução nossa).

informações originadas de fontes questionáveis. A IRD tinha como objetivo atacar diretamente a Rússia comunista por meios propagandistas e oferecer uma proposta de regime melhor (WELCH, 2013). O emprego da propaganda semicoberta foi escolhido por ser mais direta e agressiva do que a propaganda aberta, mas também seria menos provável de melindrar a União Soviética do que a propaganda totalmente coberta.

O entendimento dos conceitos dessa unidade possibilita a análise do histórico desenvolvimento de uma sociedade internacional bipolar vivenciado na segunda metade do século XX. Compreendidas as vastas formas de propaganda de guerra e o triunfo do *soft power* como elemento crucial no campo das Relações Internacionais, serão analisados os andamentos de tensão que levaram ao conflito em questão e, posteriormente, o caso específico da Guerra do Vietnã.

## 2 A GUERRA FRIA E AS DISPUTAS POR ZONAS DE INFLUÊNCIA

O cenário internacional no período pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado por uma série de turbulências e pelo constante temor de desencadeamento de um terceiro grande conflito. Nesse momento, as alianças ideológicas assumiram um papel tão importante quanto o dos militares, e a propaganda tornou-se protagonista na busca por aliados. O objetivo deste capítulo é fazer uma análise histórica dos eventos principais do início da Guerra Fria para a ascensão do sistema internacional bipolar.

### 2.1 As potências e o cenário pós-1945

O dia 25 de abril de 1945 marcou uma data histórica: o fim da Segunda Guerra Mundial<sup>5</sup>. Com isso, várias dúvidas surgiram no que se diz respeito à organização de uma nova ordem mundial. Os Aliados vitoriosos assumiram um papel fundamental na reestruturação de divisão de poder. Nesse contexto, três figuras devem ser destacadas: Franklin Roosevelt, Winston Churchill e Josef Stalin, protagonistas da coalizão entre Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética que ficou conhecida como *The Big Three*<sup>6</sup> (GADDIS, 2007).

As diversas nações encontravam-se politicamente agrupadas em um dos três seguintes grupos: o das nações capitalistas e industrializadas, incluindo os Estados Unidos e seus aliados; os comunistas, liderados pela União Soviética; e, por fim, os Estados que haviam se tornado recentemente independentes, ainda não alinhados com nenhuma superpotência. Conhecidos como países de Terceiro Mundo, esses eram os mais sujeitos à influência da propaganda ideológica (LITTEL, 2008). Tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética apoiavam a independência das colônias, devido ao desejo de penetrar nos mercados anteriormente dominados pelos aliados europeus (VIZENTINI, 1990).

A política externa estadunidense do pós-guerra pode ser retratada como “fortemente enraizada em um imperialismo altamente dinâmico” (PECHATNOV,

---

<sup>5</sup> A data mencionada marca o fim da guerra no continente europeu. Entretanto, os conflitos perduraram na Ásia. Sob comando americano, as cidades de Hiroshima e Nagasaki foram atacadas pelas bombas atômicas. Os embates cessaram no mês de agosto do mesmo ano.

<sup>6</sup> “Os três grandes” (tradução nossa).

1995, p. 4). Seu foco era expandir-se ainda mais no hemisfério ocidental, alcançando a Ásia, a África e até mesmo as extremidades do continente europeu. Essa expansão não era exclusivamente de caráter militar ou territorial; tratava-se de um novo tipo de ação que visava uma supremacia econômica devido ao novo potencial tecnológico americano acumulado durante a guerra. Os Estados Unidos emergiram da Segunda Guerra com grandes benefícios.

Sua economia tornou-se mundialmente dominante, respondendo por quase 60% da produção industrial de 1945, posição reforçada pela semidestruição de seus rivais (Alemanha, Itália e Japão) e enfraquecimento dos aliados capitalistas (França e Grã-Bretanha), que tornar-se-iam devedores dos EUA. (VIZENTI, 1990, p. 13)

Para garantir suas metas, os Estados Unidos concentravam-se em oferecer forte apoio à ascensão de novas democracias, visando, assim, conter a possibilidade de surgimento de novas economias socialistas (LITTEL, 2008).

Diferentemente da prosperidade americana, a Grã-Bretanha encontrava-se em uma situação econômica bastante difícil. A escassez de recursos e a existência de um império altamente fragilizado justificavam o surgimento de políticas “imperialistas conservadoras” (PECHATNOV, 1995, p. 5). Pode-se afirmar que os britânicos estavam mais preocupados com manter o que já possuíam do que com as novas aquisições. Com isso, conclui-se que enquanto os Estados Unidos emergiram com a adoção de posturas consideravelmente mais agressivas, a Grã-Bretanha assumiu uma atitude defensiva.

A União Soviética, apesar das imensas perdas durante a Segunda Guerra, ainda contava com outros fatores. Sua economia mostrou-se capaz de sustentar índices de pleno emprego, enquanto as das democracias capitalistas fracassaram durante os anos antecedentes à Guerra Fria (PECHATNOV, 1995). Sua ideologia comunista gozava do respeito dos demais europeus por ter comandado, em grande parte, a resistência contra os alemães (GADDIS, 2007).

A relação triangular entre os “Três Grandes” do pós-guerra era relativamente estável. Algumas ondas de atrito eram evidenciadas com movimentos de ascensão do proletariado, os quais intensificavam a contradição sistemática entre os ideais do capitalismo e do comunismo. Ivan Maisky, embaixador soviético em Londres durante grande parte da Segunda Guerra, afirmou que não acreditava que as relações

multilaterais entre Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética demonstrar-se-iam conflituosas. Os soviéticos estavam interessados na preservação de relações amistosas, por motivos econômicos, e na manutenção da paz (PECHATNOV, 1995).

Andrei Gromyko, Ministro das Relações Exteriores da União Soviética durante três décadas (1957-1985), acreditava que os Estados Unidos promoveriam a manutenção da paz, pois isso viabilizaria a utilização máxima de ganhos econômicos e políticos para os americanos. O ministro presumia que os Estados Unidos e a União Soviética possuiriam dois interesses econômicos convergentes, já que o primeiro buscava novos mercados e o segundo necessitava de créditos, assistência técnica e cooperação científica. Gromyko também destacou possíveis dificuldades da relação entre os dois países: a primeira era a discordância que ambos teriam em relação à Alemanha. Enquanto os Estados Unidos buscariam uma solução mais flexível, os soviéticos tenderiam a adotar uma postura mais rígida, principalmente nos critérios de reparações. Outro potencial ponto de divergência era o futuro da Europa Ocidental. O governo americano preocupar-se-ia com as perspectivas de mudanças sociais e com o estabelecimento de regimes soviéticos nesses países. A aspiração norte-americana de estender o poder de influência ao Oriente Médio, particularmente ao Irã, por sua vez, não seria de interesse dos soviéticos. Por motivos estratégicos e políticos, a proximidade de seus vizinhos aos ideais americanos não seria benéfica à URSS. Gromyko reconhecia a probabilidade de tensão presente na ampliação do uso da propaganda no cenário pós-guerra. Na própria União Soviética, ela criaria uma imagem positiva dos americanos durante a guerra. No seu ponto de vista, o governo americano adotaria uma postura ativa em relação à doutrinação de seu povo, pois as prováveis crises econômicas vindouras ampliariam a susceptibilidade popular às informações sobre as vantagens do regime comunista. No entanto, mesmo com diversas possibilidades de fracasso cooperacional, Gromyko mostrou-se bastante otimista em relação ao futuro (PECHATNOV, 1995).

## **2.2 A Pax Americana e a criação da Organização das Nações Unidas**

Os Estados Unidos se estabeleceram como a maior potência econômica no pós-Segunda Guerra. Esse *status* conferiu-lhes a possibilidade de instaurar uma

nova ordem internacional moldada em seus interesses. Esse breve período durou até meados de 1946 e ficou conhecido como a *Pax Americana*. Os Estados Unidos possuíam, naquele momento, vantagens talvez nunca antes evidenciadas por nenhuma outra potência, tanto no plano político quanto no militar. Seus interesses também foram fortificados no plano comercial, com a Conferência de Bretton Woods (1944) e com a criação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. Além disso, no fim do conflito, os Estados Unidos possuíam quase total domínio dos bens materiais que seriam necessários para a reconstrução do continente europeu (VIZENTINI, 1990).

Em período de plena destruição econômica, política e social, seria natural que se buscasse a implementação de medidas que evitassem a recorrência de qualquer conflito. Foi nesse cenário otimista que se criou a Organização das Nações Unidas.

O estabelecimento da Organização das Nações Unidas representou uma promessa pela manutenção da paz. Em novembro de 1944, na Conferência de Dumbarton Oaks, as cinco potências vitoriosas (Estados Unidos, Rússia, Grã-Bretanha, China e França) uniram-se para delinear a proposta da organização. A carta da ONU foi assinada por 50 estados-nações na Conferência de São Francisco, em junho de 1945 (HASTINGS, 1969). Esses membros originários comprometiam-se a extinguir futuras ameaças de guerras, promovendo a paz e reconhecendo certos direitos básicos ao ser humano. Foi também destacado o novo princípio de plena igualdade entre Estados. Os soviéticos, temendo a possibilidade dos Estados Unidos boicotarem novamente a organização (assim como evidenciado na Liga das Nações, em 1919), sugeriram que a ONU fosse sediada em território americano (VIZENTINI, 1990).

Para preservar a paz e a segurança, assim como promover a cooperação internacional, a ONU optou por criar uma Assembleia Geral, um Conselho de Segurança, um Conselho Econômico e Social, uma Corte de Justiça e de um Secretariado. Essa estrutura mostrou-se semelhante à da Liga das Nações. A Assembleia Geral, na qual todos os Estados membros possuiriam poder de voto idêntico, encarregar-se-ia de sugerir recomendações aos que promoveriam a manutenção da paz ao Conselho de Segurança. Esse, por sua vez, seria formado pelos seguintes Estados: Estados Unidos, Rússia, Grã-Bretanha, China e França,

além de seis membros não permanentes eleitos de forma rotativa pela Assembleia Geral, por um período de dois anos. É importante destacar que os cinco membros permanentes deviam estar em pleno acordo para que toda e qualquer decisão fosse aprovada pelo Conselho de Segurança, devido ao poder de veto cedido a eles (HASTINGS, 1969).

Entretanto, as esperanças por uma sociedade internacional pacífica foram rapidamente dissolvidas. Antes mesmo da primeira reunião do Conselho de Segurança em 1946, o Conselho Informal dos Ministros, solidificado na Conferência de Potsdam com objetivo de elaborar tratados de paz para os aliados europeus da Alemanha, chegou a um impasse. A Grã-Bretanha e a Rússia mostraram-se incapazes de chegar a um acordo sobre o antigo território italiano da Tripolitânia, enquanto os Estados Unidos recusavam-se a assinar qualquer tratado com a Bulgária e a Romênia, devido à predominância russa em seus governos. Os Aliados da Segunda Guerra Mundial afastaram-se, e o período de *Pax Americana* chegou ao fim, constituindo lentamente o novo cenário de guerra. A Guerra Fria, portanto, seria disputada com armas econômicas e propagandistas, mas seria altamente limitada pela possibilidade de destruição nuclear mútua (HASTINGS, 1969).

### **2.3 A Doutrina Truman**

No dia 12 de março de 1947, o presidente Harry Truman rompeu com os termos de política externa anteriormente traçados por Roosevelt. Truman introduziu uma nova doutrina sob alegação da necessidade de contenção que visaria providenciar auxílios econômico e militar aos países ameaçados pelo expansionismo da União Soviética. Essa política ficou conhecida como “A Doutrina Truman”. A intenção era posicionar os Estados Unidos como o defensor de um mundo por eles interpretados como livre, promovendo auxílio a países que a eles se alinhassem, de modo que esses não fossem ameaçados pela expansão “totalitária” (VIZENTINI, 1990, p. 21). Essas políticas de contenção ao comunismo implantadas estiveram presentes em grande parte da segunda metade da década de 1940 até a dissolução da União Soviética, em 1991 (CHOMSKY, 1992).

George Kennan foi um dos maiores protagonistas da reorganização do mundo pós-guerra. Ele dirigiu a equipe de planejamento do Departamento de Estado até



1950 e foi um dos estrategistas americanos mais célebres. Um trecho do Estudo de Planejamento Político 23, escrito por Kennan, em 1948, relata a posição que o ocidente vinha assumindo no período que ficou conhecido como o embrião da Guerra Fria. Nas palavras de Kennan:

Nós temos cerca de 50% da riqueza mundial, mas somente 6,3% de sua população. Nessa situação, não podemos deixar de ser alvo de inveja e ressentimento. Nossa verdadeira tarefa, na próxima fase, é planejar um padrão de relações que nos permitirá manter essa posição de desigualdade. Para agir assim, teremos de dispensar todo sentimentalismo e devaneio; nossa atenção deve concentrar-se em toda parte, em nossos objetivos nacionais imediatos. Precisamos parar de falar de vagos e irreais objetivos, tais como direitos humanos, elevação do padrão de vida e democratização. Não está longe o dia em que teremos de lidar com conceitos de poder direto. Então, quanto menos impedidos formos por slogans idealistas, melhor. (CHOMSKY, 1992, p. 4)

Esse documento era, logicamente, altamente secreto. A difusão de *slogans* pacifistas ainda era necessária, principalmente pela instituição de táticas da *white propaganda*, na intenção de acalmar o povo. Em 1950, em uma reunião de embaixadores americanos na América Latina, Kennan ressaltou que o foco primordial da política externa americana deveria ser a proteção de suas matérias-primas, que, na verdade, eram os recursos naturais da América Latina. A ideia que estava se popularizando nas Américas, uma das maiores zonas de influência dos Estados Unidos, de que “o governo tem responsabilidade direta pelo bem do povo”, (CHOMSKY, 1992, p. 5) deveria ser combatida e erradicada. Para os americanos, os ideais apoiados nessas “heresias” seriam classificados como comunistas.

## 2.4 O Plano Marshall e a resistência soviética

George Marshall, Secretário de Estado dos Estados Unidos, e suas contrapartes francesas e britânicas discutiam a necessidade de cooperação para a reconstrução europeia. Pode-se dizer que o Plano Marshall foi uma extensão dos ideais de contenção pregados pela Doutrina Truman. Em 1947, Truman já tinha anunciado um programa de assistência militar e econômica direcionado à Grécia e à Turquia. Isso decorreu, em grande parte, devido ao anúncio inesperado da Grã-Bretanha de que não possuía mais capacidade para sustentar o custo de manter esses dois países. Nas palavras do presidente: “*Now must be the policy of the United States to support free peoples who are resisting attempted subjugation by*

*armed minorities or by outside pressures. We must assist free peoples to work out their own destinies in their own way*<sup>7</sup> (GADDIS, 2007, p. 31). Stalin não atribuiu grande importância ao discurso de Truman. O que Marshall estava realizando, seguindo os passos de Truman, era a construção de uma grande estratégia de Guerra Fria. Entretanto, o programa de recuperação realizado pelos Estados Unidos acabou resultando na reconstrução do continente europeu. O custo político da aceitação não era baixo: as nações auxiliadas deveriam, em troca dos baixos juros de empréstimo, abrir as economias aos investimentos estadunidenses. Essas aberturas representariam o abandono parcial de suas soberanias (VIZENTINI, 1990). O Plano Marshall não distinguia, inicialmente, os países que estavam sob o controle soviético dos demais, mas o pensamento por trás dele, certamente sim (GADDIS, 2007).

Várias premissas impulsionaram a solidificação do Plano Marshall. A maior ameaça aos interesses ocidentais na Europa não era a perspectiva de uma intervenção militar soviética, mas sim a possibilidade de fatores como a fome, a pobreza e o desespero levarem os europeus a dirigirem suas próprias comunidades ao encontro dos desejos de Moscou. Outro fator foi a antevisão de que a assistência americana produziria efeitos psicológicos imediatos que mais tarde seriam materializados e retribuídos. Os Estados Unidos enxergavam a possibilidade de tomarem a iniciativa geopolítica e moral em um cenário de potencial desenrolamento de uma nova guerra (PECHATNOV, 1995).

Stalin caiu na armadilha criada pelo Plano Marshall, que foi fazê-lo, por conta própria, construir uma barreira que dividiria a Europa em duas (GADDIS, 2007). Surpreendido pela proposta americana, Stalin enviou uma grande delegação a Paris para discutir a participação soviética nessa iniciativa, que decidiu que a União Soviética recusaria essa assistência. Stalin acusou o Plano Marshall de ser uma difusão intensificada de propaganda capitalista (HASTINGS, 1969). Sua reação imediata foi de ressaltar ainda mais o domínio sob os Estados europeus orientais que se beneficiariam da assistência americana. Esse momento foi um dos mais importantes no cenário de desenvolvimento e de concretização da Guerra Fria.

---

<sup>7</sup> “Agora, deve a política dos Estados Unidos apoiar aqueles que resistem a tentativas de subjugação por forças externas. Devemos apoiar povos livres a traçarem seus destinos de seus próprios jeitos” (tradução nossa).

Tornava-se claro que os soviéticos não aceitariam ajuda percebida como um tipo de “invasão econômica” (VIZENTINI, 1990, p. 22). Os partidos comunistas da Europa Ocidental entraram em greve, demonstrando forte oposição ao Plano Marshall. O auxílio americano evoluiu para um instrumento de chantagem, condicionando a expulsão dos comunistas dos governos ocidentais (principalmente na França e na Itália). Duas principais reações soviéticas ao expansionismo americano podem ser destacadas. Primeiramente, o plano interno foi marcado por um acelerado programa atômico. Segundo, em janeiro de 1949, a URSS criou o *Council for Mutual Economic Assistance* (CMEA)<sup>8</sup>, caracterizando-se, claramente, como uma resposta ao Plano Marshall. Naquele ano, a Guerra Fria se intensificou, tornando completa a divisão europeia (VIZENTINI, 1990).

A importância política do Plano Marshall foi grande, mas não deve ser superestimada. Ele foi, antes de tudo, um plano de contenção do comunismo que ameaçava fortemente a nova ordem europeia e global. A utilização extensiva e a difusão da propaganda também foram peças cruciais para o êxito do Plano Marshall. Por exemplo, um vagão, que ficou conhecido como *Train for Europe*, rodava pelos estados recipientes do projeto repleto de alimentos e de outros recursos essenciais, com a intenção de divulgar e de promover o trabalho em progresso e os resultados já obtidos. A influência do rádio e da televisão também merece ser destacada. O programa de reconstrução europeia foi, inegavelmente, uma arma estratégica na Guerra Fria. Essa tática americana também marca a entrada da Europa Ocidental na era do consumismo, representada por símbolos como a indústria de Hollywood e da Coca-Cola (THE COLD..., 2014).

## 2.5 As zonas de influência

Tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética reconheciam a importância de exercer influência para conter a propagação um do outro, por isso ambos possuíam diversas estratégias que visavam restringir a expansão de poder dos não aliados. Os mecanismos de contenção utilizados por eles foram os seguintes: apoio financeiro externo, espionagem, alianças multinacionais, propaganda, *brinkmanship* (ameaças) e ataques indiretos (LITTEL, 2008).

---

<sup>8</sup> “Conselho de Ajuda Econômica Mútua” (tradução nossa).

O Plano Marshall e o Conselho de Ajuda Econômica Mútua da União Soviética são exemplos de apoio financeiro externo. As duas superpotências buscaram conquistar o suporte de aliados por meio da doação de recursos financeiros às regiões de interesse. Já a espionagem era utilizada quando suspeitavam que o inimigo expandia o domínio de forma ampla. As alianças multinacionais, por sua vez, garantiam novos aliados. Exemplo disso é a criação do Tratado do Atlântico Norte e do Pacto de Varsóvia. Em relação à propaganda, como frequentemente destacado, foi a ferramenta mais explorada pelas duas potências no período da Guerra Fria. *Brinksmanship* envolvia a ameaça de enfrentamento até que se chegasse à beira da guerra. Nesse momento, os Estados recuariam, reconhecendo a possibilidade de catástrofe nuclear. Essa tática ameaçadora servia para evidenciar a capacidade militar nuclear de ambos os lados. Por fim, um exemplo da estratégia de ataques indiretos é que os Estados Unidos e a União Soviética não se envolveram em nenhum conflito armado direto, porém promoveram e apoiaram guerras menores, lutadas por seus aliados (LITTEL, 2008).

Em outubro de 1944, Stalin e Churchill concordaram que a União Soviética teria controle de influência sob os países do Leste Europeu, além dos países Bálticos, que passaram ao domínio soviético como resultado do acordo feito entre Stalin e Hitler durante a guerra. A Grã-Bretanha, por sua vez, responsabilizar-se-ia pela Grécia. Roosevelt contestava essa concordância pelo fato de não ter sido consultado (GADDIS, 2007).

Com sua economia arrasada e sem possibilidades de obter financiamento para recuperar-se, os soviéticos apoiaram o estabelecimento de governos autônomos em parte da zona que ocupavam no norte do Irã (República Curda de Mahabad e República do Azerbaijão), como forma de pressionar este país a assinar um acordo para fornecimento de seu petróleo a URSS. (VIZENTINI, 1990, p. 19)

Em 1946, Truman exigiu a retirada soviética dessa área, e os Estados Unidos aproveitaram para se instalar a 11 mil quilômetros de seu território, na fronteira da União Soviética. Esse acontecimento foi de extrema importância para o futuro da Europa Oriental. Nesse momento, tornou-se clara a relevância da busca por zonas de influência. Kremlin, sede do governo da URSS, posicionou-se afirmando que qualquer recuo na área de domínio norte-americano tratar-se-ia da presença de um potencial inimigo (VIZENTINI, 1990). Churchill destacou, no mesmo ano, o brado

antissoviético: uma “cortina de ferro”<sup>9</sup> que dividiria a Europa em duas. O reconhecimento dessa divisão simbólica ilustrou a deterioração do cenário internacional.

Figura 2 - A cortina de ferro e a divisão da Europa



Fonte: Hastings, 1969, p. 14.

As zonas de influência norte-americanas englobavam os países da Europa Ocidental, devido, em grande parte, ao êxito do Plano Marshall e das alianças militares concretizadas na Organização do Tratado do Atlântico Norte, em 1949. Havia também um apoio, direto ou indireto, às ditaduras militares das Américas. Já as zonas sob influência soviética eram outras regiões do pacífico e do sudeste

<sup>9</sup> Essa expressão foi, primeiramente, utilizada por Goebbles, o ministro nazista da propaganda, nos dias finais da Segunda Guerra Mundial.

asiático. O domínio americano nesses setores destacava-se apenas pelo controle da Coreia do Sul, de Laos, de Taiwan e das Filipinas. A fronteira da União Soviética estendeu-se centenas de quilômetros para o oeste devido ao Exército Vermelho ter instaurado regimes subservientes no restante da Europa do leste (Hungria, Polônia, Romênia, Iugoslávia e Alemanha oriental). Nem todos eram comunistas, mas nenhum deles questionava a projeção soviética. A crescente expansão soviética gerou fortes reações ocidentais, como o surgimento da Doutrina Truman e do Plano Marshall, anteriormente citados (GADDIS, 2007). Esses conflitos de interesses ideológicos contrastantes intensificaram-se em diversos momentos da Guerra Fria, como na Guerra da Coreia (1950), na Guerra do Vietnã (1955), na Crise dos Mísseis de Cuba (1962) e, também, no momento da Revolução Iraniana (1979).

Durante a década de 1950, a Alemanha foi dividida em duas zonas: ao oeste, os setores americano, britânico e francês, e ao leste, a parte soviética. Essa divisão é um exemplo clássico da ocupação e da conquista das potências em busca de zonas de influência. Graças ao Plano Marshall e às contribuições do governo alemão ocidental, as ocupações de Berlim constituíram uma espécie de espaço físico de divulgação permanente dos ideais do capitalismo democrático em meio a uma Alemanha oriental comunista. Inicialmente, essas duas esferas gozavam de livre circulação de pessoas. Porém, na noite do dia 12 de agosto de 1961, uma cerca de arame farpado foi montada para atuar como barreira que dividiria esses dois mundos dentro de uma mesma cidade. Logo, o arame foi substituído por blocos de cimento de alguns metros de altura com vigilância constante. Policiais eram ordenados a atirar em qualquer indivíduo que ameaçasse cruzar o muro. A construção da Muralha de Berlim foi o maior ícone da Guerra Fria, solidificando, de forma física, a bipolarização hostil (GADDIS, 2007).

## **2.6 Duas superpotências e a bipolarização hostil**

A disputa e a divisão ideológica entre o comunismo e o capitalismo foram descritas pelo presidente americano Harry Truman, em 1950, como “*struggle above all else for the minds of men*”<sup>10</sup>, ou seja, a luta que visaria conquistar, principalmente, a opinião do indivíduo. A União Soviética, assim como os Estados Unidos, defendia

---

<sup>10</sup> “A luta, antes de tudo, pela mente dos homens” (tradução nossa).

sua ideologia com aspirações globais, argumentando que o regime predominante em seu território funcionaria também no âmbito externo.

Os princípios do comunismo eram, se não adotados, largamente respeitados no continente europeu após 1945. Isso é justificado pela resistência liderada por comunistas contra os nazistas. Com a derrota de Hitler, em grande parte devido ao Exército Vermelho, o *soft power* da União Soviética chegou ao ápice. Muitos enxergaram como o bloco mais influente e acreditaram que o mundo pós-guerra seria reconstruído com base nos valores socialistas. Em 1945, era comum crer que o comunismo autoritário seria a nova “onda do futuro” (ALSTEIN, 2009, p. 10).

A linha de pensamento Marxista-Leninista que influenciava Stalin considerava que os capitalistas jamais conseguiriam cooperar uns com os outros por períodos prolongados. Sua natureza essencialmente egoísta e competitiva, e seu desejo incontrolável pela obtenção de lucros, supostamente, levariam a uma série de conflitos intermináveis. Stalin julgava que bastaria aos comunistas esperarem até esse sistema capitalista se autodestruir (WELCH, 2013). Seu objetivo não era simplesmente implantar o equilíbrio de poder no continente europeu, mas sim dominá-lo.

Ao examinar perspectivas políticas e fatores ideológicos componentes de uma sociedade ou nação, é importante reconhecer que essas interpretações não são sempre apresentadas de forma explícita. Algumas podem ser inconscientes ou não serem reveladas. Os autores normalmente expressam suas interpretações por meio de discursos, textos, implementações políticas ou outras posturas frequentemente tomadas devido a posicionamentos estratégicos.

Segundo Alstein (2009), esses esquemas de interpretação podem ser divididos em dimensões constitutivas. A primeira esfera engloba as políticas e os pontos de vista na esfera doméstica do Estado. A segunda destaca a postura no sistema econômico e político internacional, assim como a reação ao posicionamento de outros Estados. A terceira dimensão refere-se às crenças ideológicas das elites governantes. Isso inclui não só interpretações próprias, mas também as perspectivas dos estados vizinhos em relação a um governo, que poderia ser anticomunista ou anticapitalista. A quarta dimensão pode ser definida como a

memória histórica dos membros da elite política, militar e diplomática. Finalmente, a quinta revela os padrões, os valores e as morais a serem seguidos na sociedade, assim como a religião e a maneira esperada de comportamento. As cinco esferas citadas são essenciais para a análise de modelo do Estado, pois revelam os pontos compartilhados pela elite governante. Para compreender os fatores catalisadores da Guerra Fria, é necessário entender as diferenças presentes nas interpretações e como elas se inter-relacionam com as demais esferas citadas.

Alstein (2009) explica que no período entre 1945 e o início da década de 1950, a política internacional era marcada por um processo gradual de bipolarização hostil. Uma ordem global emergia baseada em dois blocos de estados hostis. Os membros da elite militar, diplomática e política de cada bloco concebiam o outro como o inimigo. Dois blocos político-econômicos, cada um com seu conjunto de interpretações compartilhadas, opunham-se às práticas do outro. Esse sistema bipolar disseminava imagens de Estados amigos ou inimigos e conflitos interdimensionais indissolúveis.

## **2.7 A intensificação da possibilidade de catástrofe nuclear**

Na prática, as potências vencedoras da Segunda Guerra não gozavam de um senso de segurança total, como previsto em 1945. Nem os Estados Unidos nem a Grã-Bretanha nem a União Soviética podiam afirmar, no fim de 1950, que não se sentiam ameaçados. Mesmo as vitórias sobre a Alemanha e sobre o Japão não conduziram ao conforto de um equilíbrio global, por isso os ex-integrantes da Grande Aliança tornaram-se adversários na Guerra Fria. Como previsto por defensores realistas, os princípios da busca por interesses mútuos mostraram-se incompatíveis. Com a intensificação da polarização de ideologias, o temor de um ataque surpresa ameaçava a todos (GADDIS, 2007).

As lições tiradas da Segunda Guerra foram de pânico. A possibilidade de uma guerra nuclear não era somente viável, como também provável. As armas lançadas em Hiroshima e Nagasaki comprovaram a possibilidade de aniquilamento total de uma cidade em questão de segundos (GADDIS, 2007). Essas bombas lançadas no Japão foram militarmente desnecessárias, pois o país já estava quase se rendendo. Foram, na verdade, uma demonstração de força dos americanos, com objetivo de



apavorar os soviéticos. O projeto atômico americano foi aperfeiçoado em 1946, após testes realizados no atol de Bikini (VIZENTINI, 1990).

A rapidez do desenvolvimento atômico soviético foi uma reação à efetivação do Plano Marshall. Em 1949, a União Soviética detonou a primeira bomba atômica em um local de teste no Cazaquistão. Esse evento contestou o monopólio nuclear americano e favoreceu a catalisação da Guerra Fria. A corrida armamentista nuclear tornou-se, então, o foco de toda a década dos anos de 1950. Em 1951, os Estados Unidos criaram e testaram uma arma ainda mais poderosa: a bomba de hidrogênio, que ficou posteriormente conhecida como a superbomba (VIZENTINI, 1990).

O clima político da Guerra Fria esquentou e tornou-se mais alarmante em 1954, quando John Foster Dulles, Secretário de Estado dos Estados Unidos, anunciou uma nova política, que ficou conhecida como *massive retaliation*<sup>11</sup>. Ela definia que qualquer agressão soviética seria respondida com ataques nucleares americanos extensivos. Em outubro de 1961, a União Soviética detonou um novo armamento nuclear com potência semelhante a mais de 50 milhões toneladas de TNT. Esse nível de destruição atingido foi superior a junção de todas as armas utilizadas na Segunda Guerra Mundial. A Tsar Bomba, rapidamente tornou-se a arma nuclear mais aterrorizante da época. A confrontação nuclear passou a ser extremamente plausível em 1962 com a Crise dos Mísseis de Cuba (GADDIS, 2007).

A principal diferença entre os conflitos antecedentes e a Guerra Fria é que as anteriores (com exceção do bombardeio de Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945) foram lutas com armas convencionais. Entretanto, os antagonistas da Guerra Fria possuíam arsenais nucleares na palma da mão. O grau de destruição dos armamentos nucleares, facilmente ultrapassava o de qualquer arma anteriormente vista. Caso o equilíbrio da Guerra Fria fosse seriamente abalado, a história da humanidade teria sido ampla e tragicamente diferente - se não fosse completamente aniquilada. Figurativamente, caso a Guerra Fria se tornasse “quente”, ela resultaria em um combate que acabaria com todas as guerras, levando a esfera internacional a um holocausto nuclear de níveis imprevistos (WENGER, 2003).

---

<sup>11</sup> “Política de retaliação máxima” (tradução nossa).

## 2.8 Os Estados Unidos e os instrumentos de propaganda na Guerra Fria

Por que alguns países pouco investem no esforço de influenciar a opinião pública, enquanto outros, como os Estados Unidos, dedicam-se tanto a essa área? Uma das principais razões seria o grande peso adquirido pela potência norte-americana no sistema internacional no período pós-Segunda Guerra Mundial.

As formas de propaganda política semeadas no início da Guerra Fria contavam com a publicidade nacionalista de segurança regional, projetando um forte sentimento de patriotismo nos indivíduos. Welch (2013) acredita que esse ambiente impossibilitava a população de questionar as decisões tomadas pelo Estado, pois ela temia a possível e provável rotulação de antipatriotas ou até mesmo de ser acusada de espiã comunista. Nos Estados Unidos, o medo de uma infiltração comunista, devido às acusações do senador Joseph McCarthy e à consciência da capacidade nuclear da União Soviética, levou à intensificação de campanhas de propaganda que visavam informar o povo americano do perigo e das possíveis consequências de um ataque soviético. Assim, foram produzidos pôsteres, panfletos e um número considerável de curtas-metragens destinados à televisão e ao cinema sobre o tema.

Percebe-se que os propagandistas, em ambos os lados da Guerra Fria, fizeram uso de todos os meios disponíveis, na intenção de fazer prevalecer seu ponto de vista ideológico, apresentando opiniões contrastantes sobre a definição dos termos de liberdade e segurança. A propaganda estadunidense buscou interpretar esse combate em termos simples e moralistas como uma luta entre o bem e o mal. Na década de 1980, o presidente Regan chegou a descrever a União Soviética como o “Império do Mal” (ALSTEIN, 2009). A Doutrina Truman justificou a intervenção norte-americana em vários conflitos regionais, assim como sua presença na Coreia.

A propaganda de símbolos nacionais foi também amplamente utilizada na Guerra Fria, na intenção de fortalecer os ideais nacionalistas dos indivíduos. Ela pode ser definida como uma tática à disposição do Estado que faz uso de figuras icônicas para realçar um ponto específico da identidade nacional (WELCH, 2013). Com a possibilidade de ser instituída de diversas maneiras, ela pode usar imagens de pessoas reais apontadas como heróis nacionais ou introduzir personagens do

folclore nacional popular. Um clássico exemplo de propaganda de símbolos nacionais americanos é o *slogan* extensivamente utilizado não só por eles, mas também pelos britânicos: “*Your Country Needs You*”<sup>12</sup>, que visa mobilizar a população doméstica. Na esperança de obter qualquer êxito de influência e de maximização do *soft power*, os Estados Unidos reconheciam que a Guerra Fria demandava que a política externa e a propaganda deveriam ser conduzidas de forma paralela.

Figura 3 - Lord Kitchener “Your Country Needs You”



Fonte: *site* Sterling Times <[http://www.sterlingtimes.co.uk/memorable\\_images53.htm](http://www.sterlingtimes.co.uk/memorable_images53.htm)>. A imagem da direita (Tio Sam) foi uma adaptação da esquerda (original britânica, feita por Eric Field) para apelar à população americana por James Flagg em 1917.

Durante a Guerra Fria, a propaganda tornou-se a principal ferramenta dos Estados na busca por aliados e por apoio populacional interno. O temor de um impasse entre os Estados Unidos e a União soviética continuava a aumentar. Ambos foram compelidos a adotar medidas extremas para expandir sua influência ao máximo possível. A compreensão do contexto histórico e dos atritos entre as potências no auge desse conflito possibilitou a análise de um caso específico: a

<sup>12</sup> “Seu país precisa de você” (tradução nossa).

Guerra do Vietnã. Será visto adiante que essa guerra é um dos melhores exemplos de difusão da *black*, *grey* e *white* propaganda norte-americana desse período.

### **3 PROPAGANDA NORTE-AMERICANA UTILIZADA NA GUERRA DO VIETNÃ**

A influência midiática na Guerra do Vietnã foi uma das mais fortes de todo o período da Guerra Fria. Milhares acompanharam as notícias, em seus rádios e televisões, que divulgaram a luta dos americanos e dos vietnamitas do sul contra os vietcongues. Nesta unidade final, serão analisadas as técnicas de propaganda utilizadas pelos americanos na busca por conter a ideologia comunista durante a Guerra do Vietnã.

#### **3.1 Conflitos na Indochina e eventos antecedentes à Guerra do Vietnã**

O envolvimento dos Estados Unidos com o Vietnã iniciou-se em 1945, o último ano da Segunda Guerra Mundial. Membros norte-americanos da Secretaria de Serviços Estratégicos foram enviados para atuar na “Missão Deer”. O objetivo era associar-se ao pequeno grupo Vietmih, que lutava contra o exército japonês ocupante de parte do Vietnã (WESTHEIDER, 2007).

O Vietmih, abreviação de *Viet Nam Doc Lap*, também conhecido como a Liga Vietnamita para a Independência, foi fundado em 1941. Tecnicamente, tratava-se de uma organização guarda-chuva, na qual os nacionalistas, os socialistas, os pagãos, os estudantes e as outras organizações juntaram-se para combater os japoneses - que tinham tomado o controle do país dos antigos colonizadores franceses. O Vietmih era governado por alguns líderes comunistas. Dois deles destacaram-se no cenário de guerra: o primeiro foi Vo Ngyuen Giap, um dos fundadores da Liga e líder de seu pequeno exército, e o segundo foi Ho Chi Minh, que, durante a Segunda Guerra, fez contato com os americanos da Secretaria de Serviços Estratégicos estacionados no sul da China. Os americanos tinham uma relação bastante amigável com o líder, embora soubessem que os ideais dele eram claramente comunistas. Entretanto, no momento, isso não era uma questão conflituosa, pois, como já dito anteriormente, as relações entre Estados Unidos e URSS, em 1945, eram essencialmente pacíficas (WESTHEIDER, 2007).

Ho e Giap combatiam os japoneses enquanto estendiam, lentamente, o poder de controle do Vietminh por grande parte da área do norte do Vietnã. Eles acreditavam que existiria um vácuo político e militar no Vietnã após a derrota japonesa e o retorno dos franceses, o que possibilitá-los-ia de declarar a independência do país sob seu controle territorial. Em agosto de 1945, os vietnamitas vislumbraram uma possibilidade de êxito em razão do enfraquecimento japonês decorrente do bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki. Assim, o Vietminh tomou o controle de Hanói, e no dia 2 de setembro de 1945, Ho proclamou a independência da República Democrática do Vietnã. Os americanos participaram da comemoração (WESTHEIDER, 2007).

Entretanto, o suposto apoio americano ao regime tornou-se ilusório. Quando Truman assumiu a presidência dos Estados Unidos, em 1945, as prioridades da política externa americana eram outras, como a estabilidade na Europa pós-Segunda Guerra. Antes de Ho proclamar a independência, modelada parcialmente pela declaração de independência americana, Truman e os Aliados optaram por dividir temporariamente o Vietnã: enquanto um exército nacionalista chinês ocuparia o norte para desarmar os japoneses e manter a ordem, os britânicos seriam responsáveis por exercer o mesmo ao sul do país. Com a crescente intensificação da Guerra Fria, os Estados Unidos intervieram para facilitar o retorno do domínio francês da Indochina (ADAS, 2003).

Ao norte, o governo provisório de Ho esperava negociar um trato com os franceses visando à autonomia política. Ao sul, a ocupação francesa de Saigon gerou hostilidades entre os Vietminh e os Aliados, principalmente com os britânicos. Alguns americanos também se posicionavam ao sul, mas não se envolviam diretamente nas hostilidades (WESTHEIDER, 2007).

Em março de 1946, firmaram-se acordos que determinaram o recuo do exército chinês e o retorno das forças francesas ao Vietnã. Os franceses concordaram em reconhecer o governo de Ho como um Estado dentro da União Francesa, porém ficou combinado que, em um futuro próximo, por meio de um referendo, determinar-se-ia que o Vietnã do Sul seria reintegrado ao norte, formando um Estado único. Mas quando os chineses retiraram-se, e os franceses assumiram o poder

novamente, Paris descumpriu o trato. As outras negociações foram dissolvidas e, em 1946, eclodiu a guerra entre os Vietminh e a França (ADAS, 2003).

A Guerra Franco-Vietnamita coincidiu com o crescimento do temor comunista e com o agravamento da Guerra Fria entre a União Soviética e os Estados Unidos. Revolucionários, como Ho Chi Minh, não eram mais considerados nacionalistas, mas sim instrumentos de Moscou. A Guerra Franco-Vietnamita, que, para muitos dos participantes, inicialmente era vista como uma guerra pela liberação colonial, evoluiu para uma intensa competição ideológica (WESTHEIDER, 2007).

Com a formulação da nova política externa de contenção, os Estados Unidos pregavam que, na intenção de evitar que o comunismo assumisse o controle global, o Ocidente deveria permanecer forte. As ações comunistas da União Soviética e dos integrantes do Eixo deveriam ser contidas militar, política e economicamente (WESTHEIDER, 2007).

A Batalha de *Dien Bien Phu*, em 1954, foi o marco do fim do envolvimento francês com a Indochina. Os franceses sofreram grande derrota militar pelo Vietminh, resultando na retirada deles da região. Os Estados Unidos estavam determinados a agarrarem-se ao Vietnã do Sul, pois reconheciam que a perda dessa região seria, provavelmente, acompanhada pelo descontrole de Laos, da Camboja e da Tailândia. Visando manter a influência, os americanos instituíram Nho Dinh Diem, um anticomunista, como presidente. Entretanto, o governo de Nho foi tido como corrupto, ineficiente e incapaz de introduzir as reformas necessárias para conquistar o apoio populacional (HASTINGS, 1969).

Dwight Eisenhower, o então presidente dos Estados Unidos, que governou de 1953-1961, recusou o envolvimento direto e o envio de tropas americanas para a Guerra Franco-Vietnamita. Em uma coletiva de imprensa em 1954, ele afirmou que não haveria maior tragédia do que o extensivo envolvimento americano em qualquer outra guerra em território estrangeiro. Portanto, no mesmo ano, a administração do governo estadunidense pressionou o envio de auxílio militar aos franceses. Enquanto isso, a imprensa americana continuamente destacava que a possibilidade da intervenção americana no conflito mostrava-se cada vez mais plausível (ADAS, 2003).

Em 1954, Eisenhower conduziu um famoso discurso que visou, primeiramente, convencer a população americana da necessidade de intervenção na região da Indochina. O presidente destacou fatores como o enorme potencial econômico da região e a necessidade de implementação de políticas que garantiriam maior liberdade aos vietnamitas. Nesse discurso, Eisenhower introduziu uma doutrina que esteve fortemente presente nas três seguintes administrações de governo americano, tornando-se a chave para a justificativa da intervenção americana pelos propagandistas. Ela ficou conhecida como a Teoria do Efeito Dominó (EISENHOWER..., 2009). O envolvimento com o Vietnã seria então visto pela sociedade americana como um ato extremamente necessário, pois sua perda como zona de influência significaria uma vitória para os comunistas e seria seguida por outras inúmeras conquistas que sufocariam os ideais democráticos norte-americanos. A Teoria do Efeito Dominó foi a base da justificativa para a intervenção armada direta impulsionada pelos americanos em 1965. A propaganda implementada pelo governo do presidente estadunidense Eisenhower, que visava solidificar a possibilidade do efeito dominó, pode, portanto, ser predominantemente categorizada como *white propaganda*. Isso porque, nesse momento, não existiam esforços visíveis, por parte do governo americano, de esconder ou encobrir a origem das mensagens por ele divulgadas. É importante lembrar que a *white propaganda* está quase sempre inclinada a produzir opiniões favoráveis ao seu emissor.

Durante os anos de 1957 e 1959, a impopularidade do governo de Ngo Dinh Diem junto à população local cresceu. Enquanto isso, o Vietminh ressurgiu e assassinou diversos membros governantes e oficiais locais. O Exército do Povo do Vietnã (EPV)<sup>13</sup> foi agredido na fronteira com o Camboja. Nesse momento, os conflitos da guerrilha transformaram-se em uma guerra que traria muita dificuldade aos estadunidenses (ADAS, 2003).

Em dezembro de 1960, as guerrilhas criaram a Frente Nacional para a Libertação do Vietnã do Sul. Os objetivos eram nítidos: banir Diem do governo, expulsar os americanos e, finalmente, reintegrar o Vietnã. Depois de uma série de conflitos diretos, os americanos adotaram drásticas medidas intervencionistas. No

---

<sup>13</sup> O Exército do Povo do Vietnã era conhecido como Vietminh no Ocidente. É importante destacar que não se tratava de uma denominação exata, pois o Vietminh não representava apenas o exército, mas sim todo movimento de independência nacional, civil e militar.



fim de 1961, obedecendo ordens do presidente John Kennedy, 1.364 americanos estavam presentes na região do Vietnã do Sul. Esse número cresceu para 10.000 em dezembro de 1962 e chegou a 15.500 no ano seguinte (HASTINGS, 1969). Quando Kennedy assumiu a presidência em 1961, sua crença na Teoria do Efeito Dominó foi explícita. O novo presidente declarou que apoiaria e continuaria seguindo as políticas intervencionistas determinadas por Eisenhower. Sua administração pregou, também através de fontes de *white propaganda*, a ameaça trazida pela não contenção comunista.

Figura 4 - The Red Iceberg



Fonte: *site* Eagle Forum Archives

<<http://www.eagleforumarchives.org/Assets/TheRedIcebergNewspapercolor800dpi001.jpg>>.

A imagem acima retrata os Estados Unidos como um ambiente suscetível, navegando em direção às diversas influências negativas da doutrina comunista. Essa capa propagandista prevê o futuro das nações rendidas ao comunismo: terror e falência de estado. Diversas imagens foram divulgadas com o objetivo de alertar a população do terror por trás do comunismo. A forte circulação dessas figuras foi utilizada na época na intenção de obter o apoio interno para a intervenção contínua no Vietnã, mesmo que não citasse diretamente este país.

Figura 5 - "My dear son"

**IT CAN HAPPEN HERE**

"My dear son  
I am so sorry you are going to have to live under Communism. It seemed to come so quickly. I didn't think their lies could win. I guess we were so busy with other things. Not enough of us spoke up for freedom when we had the chance."

**You can speak up for freedom right now...**

Your dollars are needed to help build the American Freedom Center at Valley Forge. You can speak up for freedom by contributing Freedom Bricks.

The Freedom Center will provide research and library facilities for all individuals, groups and organizations seeking to defend and interpret the free American system. It will house the award-winning materials of over one million entries in Freedom's Foundation's 11 annual National Awards Program.

Freedom's Foundation was founded in 1949 to help maintain the American Way and pass it on intact to each generation. You can strike an effective blow against communism by joining Freedom's Foundation's FOR AMERICANISM program. The Foundation is nonprofit, nonpartisan, nonsectarian. Membership is open to all patriots. Dwight D. Eisenhower is Honorary Chairman.

**FREEDOM'S FOUNDATION**  
VALLEY FORGE, PA.

Yes, I want to help build The American Freedom Center. Give me  Freedom Bricks at \$1 per brick.

I am enclosing \$ as an additional contribution to make me a member of Freedom's Foundation.

Name

Address

City  State

Fonte: *site* Library of Congress <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/07/7e/85/077e8505b93a40725abc5fd82be7719.jpg>><sup>14</sup>. Imagem divulgada pela The Freedom Foundation.

<sup>14</sup> "Meu querido filho, lamento muito lhe informar que você vai que ter que viver sob as regras do comunismo. Pareceu vir tão rápido, eu não acreditava que suas mentiras poderiam prevalecer. Eu

Na imagem anterior, a *The Freedom Foundation*<sup>15</sup> pede ao estado da Pensilvânia contribuições monetárias para conter a crescente ameaça comunista. Os propagandistas retratam um possível momento seguinte de profundo arrependimento, no qual os ideais comunistas triunfariam e as crianças de então sofreriam suas severas consequências. Esse panfleto foi instituído para promover o apoio interno americano, incentivando o suporte de qualquer intervenção anticomunista, com intuito de garantir um futuro harmônico para as futuras gerações. Inclínados a produzir informações ideologicamente favoráveis a seu argumento, a *The Freedom Foundation* faz uso de táticas da *white propaganda*.

Aproveitando-se do aprofundamento da crise e da impopularidade de Nho Dinh Diem, em 1963, os Estados Unidos declararam uma dissociação de seu governo. Dois meses depois, o Diem foi deposto e assassinado em um golpe militar. Depois de um ataque direto à Embaixada dos Estados Unidos em Saigon em 1963, tornou-se claro que a defesa do Vietnã do Sul só seria sustentada pela ocupação intensificada de tropas americanas. Nesse momento, o papel estadunidense na guerra deixou de ser meramente consultivo. Assim, o conflito abandonou as características regionais e englobou toda a esfera internacional. No instante em que os Estados Unidos declararam a intenção de impedir a vitória comunista, os debates ideológicos da Guerra Fria tornaram-se ainda mais agressivos. A China afirmou que não toleraria a invasão do Vietnã do Norte e pediu o apoio da União Soviética. Assim, a Guerra do Vietnã, lentamente, caminhava para um possível confronto catastrófico entre as duas superpotências (HASTINGS, 1969).

### **3.2 Lyndon Johnson e o início da Guerra do Vietnã**

Nos momentos seguintes, a participação direta da comunidade internacional foi concretizada. O ano de 1965 marcou o início oficial da Guerra do Vietnã. O número de tropas americanas presentes no sul do Vietnã cresceu exponencialmente. Nesse cenário, as operações contra os vietcongues tornaram-se mais ofensivas. Foi

---

suponho que nós estávamos muito preocupados com outras questões. Não houveram manifestantes para a liberdade o suficiente quando tínhamos a chance" (tradução nossa).

<sup>15</sup> "Fundação pela Liberdade" (tradução nossa). A organização foi fundada em 1949 para promover o "jeito americano de ser". O presidente Eisenhower era um dos integrantes do Conselho.

instaurada, nas selvas do Vietnã, uma política de *Search and Destroy*<sup>16</sup>. Com ela, alguns regimes de vietcongues foram completamente desarmados e destruídos. Mesmo assim, no final de 1965, o número de vietcongues ultrapassava 200 mil (HASTINGS, 1969).

A campanha propagandista da administração do presidente americano Lyndon Johnson (1963-1969) é vista como uma das mais marcantes de todo o período da Guerra Fria. Ela possuía três nítidas metas: convencer a população a enxergar a guerra como desejada pela administração; realçar a importância e a necessidade absoluta da guerra; e mostrar que as intervenções americanas eram feitas de forma não agressiva, utilizando a força somente em último caso. A Teoria do Efeito Dominó permanecia forte. O *soft power* americano mostrou-se extremamente persuasivo: países vizinhos do Vietnã, como a Coreia do Sul, as Filipinas e até mesmo a Austrália e a Nova Zelândia, declararam-se defensores dessa teoria e apoiavam os sul-vietnamitas, acreditando que, caso eles caíssem na ameaça, seriam as próximas vítimas do comunismo (PAGE, 1996).

---

<sup>16</sup> “Política de procura e destruição” (tradução nossa).

Figura 6 - "It's your choice: where do you draw the line against communist aggression?"<sup>17</sup>



Fonte: *site* Monash University

<<http://monash.edu/library/collections/exhibitions/communism/img052.jpg>>. Imagem divulgada pelo Partido Liberal de Canberra, em 1966.

Conforme mostra a imagem acima, os panfletos distribuídos pelo Partido Liberal de Canberra, no ano da eleição de 1966, são um bom exemplo do alcance do *soft power* americano e da admissão da Teoria do Efeito Dominó pelos demais aliados estadunidenses. A figura revela que a ameaça vermelha instalada no continente asiático está indo rumo ao Vietnã. As setas apontam para o sul, deixando claro que, caso o Vietnã se rendesse à intimidação dos comunistas, a Austrália rapidamente tornar-se-ia o próximo alvo. Nesse cenário, o governo australiano divulgou claramente a origem dessa propaganda, e suas intenções mostraram-se nítidas. O exemplo acima classifica-se como *white propaganda*.

<sup>17</sup> "A escolha é sua: onde você traça a linha contra a agressão comunista?" (tradução nossa).

Os obstáculos enfrentados pela propaganda oficial disseminada pelo governo de Johnson eram muitos. Primeiramente, ela precisaria estimular um grau exato de preocupação populacional. A preocupação excessiva promoveria revoltas internas que pediriam negociações imediatas para evitar a eclosão de outra guerra mundial, enquanto um grau mínimo de preocupação não facilitaria a obtenção do apoio interno necessário para a guerra. Essa preocupação deveria ser posteriormente focada e interpretada da forma que a administração pregasse, apoiando as políticas americanas (PAGE, 1996).

As técnicas de propaganda implementadas pelo governo do presidente Johnson visavam ressaltar a premissa de que os chefes de Estado faziam tudo o que estivesse ao seu alcance para evitar a guerra. Ou seja, os Estados Unidos optaram, inicialmente, por não declarar guerra ao Estado norte-vietnamita, embora seus ataques armados demonstrassem o contrário. As informações dissipadas pelo governo americano mostravam um momento histórico supostamente pacífico. O foco da administração, até então, era manter suas aparências, controlar a opinião pública e criar um ambiente que permitisse o governo movimentar e manipular o fluxo de informações sobre a guerra de acordo com suas preferências estratégicas (ALLEN, 2008).

Johnson optou por prolongar o envolvimento norte-americano de forma discreta. Nesse comando, foi promovida uma campanha de informação que enfatizava continuamente a culpabilidade dos inimigos: os norte-vietnamitas e seus demais simpatizantes. Essa campanha encarregava-se de divulgar as metas de seus oponentes que, quando alcançadas, resultariam na total humilhação americana. Outra característica marcante dessa campanha era o encobrimento dos objetivos da própria administração americana, incluindo sua intenção de aumentar o conflito. Essas informações eram cuidadosamente ocultas para evitar qualquer espécie de pressão pública opositora. Em 1965, a imagem que o governo de Johnson visava sustentar parecia ser razoavelmente modesta. Johnson defendia que o objetivo americano era a paz no continente asiático. No entanto, essa só seria alcançada caso os agressores nórdicos cessassem seus ataques aos seus vizinhos no sul (PAGE, 1996).

A campanha de informação de Johnson demonstrou um cuidado especial para não alertar ou insinuar à população que uma grande guerra estava perto de acontecer. Portanto, caso o conflito fosse perpetuado, a culpa sempre seria direcionada ao inimigo. Mesmo nesse cenário, a campanha visava preservar a boa imagem da administração. Essas características justificam o recorrente *slogan* do presidente: *Seeking no Wider War*<sup>18</sup> (PAGE, 1996). Nesse momento, a meta era claramente a exoneração de qualquer culpabilidade e responsabilidade por parte dos Estados Unidos. A propaganda oficial estadunidense solidificou um padrão de ação e reação: primeiramente divulgados seriam os ataques dos norte-vietnamitas, e posteriormente, as retaliações americanas e de seus aliados do sul. Dessa forma, os segundos ataques seriam vistos como meras tentativas de defesa. Com esse mecanismo de propaganda, o papel dos Estados Unidos como Estado atuante e ofensor seria consideravelmente minimizado.

Esse método de desvio de responsabilidade foi preservado nos momentos iniciais da guerra, especialmente no início de 1965. Os principais anúncios sobre o conflito eram divulgados através de discursos feitos por diversas figuras de Estado. A cobertura midiática desses eventos era, naturalmente, extensa. Esse método modesto e restrito de divulgação de informações perturbava os jornalistas e atraía uma publicidade negativa para o governo americano (ALLEN, 2008).

Foi em uma conferência de imprensa, em junho de 1965, que os oficiais do Departamento de Estado anunciaram que os soldados americanos localizados no Vietnã do Sul receberiam novas ordens de comando: em vez de adotarem posturas exclusivamente defensivas, estes iriam, a partir de então, ingressar em combates armados. Essa conferência foi compreendida pela mídia como uma clara proclamação de mudanças na política externa dos Estados Unidos. Essa declaração gerou uma série de atritos e críticas. Até o *Daily Telegraph*, um jornal britânico defensor das políticas americanas, sugeriu em um editorial que a administração do presidente Johnson deveria ser mais comunicativa, principalmente agora que as casualidades começariam a aumentar drasticamente. Mesmo assim, o governo americano preferiu lutar na guerra com o mínimo de publicidade possível, divulgando

---

<sup>18</sup> “Não buscando uma guerra maior” (tradução nossa).

apenas as negociações propostas pelos Estados Unidos com o objetivo de transparecer um Estado pacífico (PAGE, 1996).

Como resultado dessa nova política externa, diversos agentes midiáticos internos e externos adotaram posturas rígidas em relação à conduta. Até então, essas críticas não chegaram a mostrar uma oposição consolidada ao governo, mas foram o suficiente para incitar confusão e angústia na população americana.

Em síntese, embora a origem e as fontes de propaganda empregadas pelo governo de Johnson fossem claras, os seus objetivos não foram verdadeiramente expostos. Por essa razão, a propaganda política oficial norte-americana deste período pode ser classificada predominantemente como *grey propaganda*. Porém, deve ser destacado que, com o desenvolvimento da guerra, táticas de *black propaganda* também foram exploradas no ambiente externo, principalmente para manter o apoio dos sul-vietnamitas e converter os vietcongues.

Em abril de 1966, o número de bombas que caiu sobre o Vietnã do Norte por mês ultrapassou a totalidade de bombas utilizadas em toda a Segunda Guerra Mundial. Os bombardeios cresceram ainda mais nos meses seguintes. Na teoria, os ataques norte-americanos possuíam valores meramente estratégicos. Porém, além do alto índice de mortalidades, milhares de casas, hospitais e escolas foram totalmente destruídos. Esse aniquilamento foi diretamente acompanhado pela mídia e acarretou em uma série de críticas pelos próprios ocidentais. O grau de legitimidade americana era lentamente dissolvido (HASTINGS, 1969).

Os relatos dos vietnamitas do norte chocavam e conquistavam o apoio dos jornalistas do ocidente. Em dezembro de 1966, após visitar a cidade de Phuly, um jornalista francês relatou:

I could see only shreds of walls, piles of broken branches and twisted metal, bomb craters, broken pylons, and houses which were blasted and uninhabitable. Phuly is dead; the final blow was struck on 2 October 1966 and the aircraft came back on October 3 and 9. It was no doubt difficult to destroy the railway installations without destroying the town.<sup>19</sup> (HASTINGS, 1969, p. 120)

---

<sup>19</sup> “Eu podia ver apenas pedaços de paredes, pilhas de galhos quebrados e metal retorcido, crateras de bombas, postes quebrados, e as casas que foram bombardeadas em condições inabitáveis. Phuly



Os Estados Unidos, como anteriormente mencionado, eram um dos maiores detentores de *hard*, *soft* e, conseqüentemente, *smart power* nesse período. O seu *soft power* foi parcialmente responsável pela obtenção dos diversos aliados americanos. Mesmo assim, ele começou a ser indagado por seus simpatizantes. Em 1966, jornais britânicos altamente respeitados passaram a rejeitar as premissas da guerra. As suspeitas de que o governo americano encobria fatos relevantes sobre a guerra cresciam gradualmente. Porém, a parcela majoritária da imprensa interna ainda apoiava as intervenções do Estado americano. Pode-se afirmar que, embora existisse uma minoria questionadora, os filtros impostos pela mídia e as técnicas propagandistas americanas eram, até então, bem-sucedidos (PAGE, 1996).

Incomodados pelo constante fracasso de garantir sua vitória, os americanos fizeram uso de uma nova série de armamentos e técnicas de guerra que incentivaram o então Secretário das Nações Unidas, U Thant, a descrever a Guerra do Vietnã como “a guerra mais bárbara da humanidade” (HASTINGS, 1969, p. 120). Essas novas armas incluíam gás napalm, que se atinha à pele causando queimaduras absurdas, gases “não letais” e bombas fosforosas. Nesse momento, os protestos internos nos Estados Unidos aumentaram.

Johnson argumentava repetidamente que a questão do Vietnã do Sul foi algo herdado por seus governos antecedentes, e não uma criação do governo atual, que apenas buscava encontrar uma solução razoável para o conflito. O simples abandono dos aliados do sul mostraria uma fraqueza americana para a esfera internacional e significaria a redução de poder dos Estados Unidos. Possivelmente, outros Estados aliados questionariam a honra americana de manter o restante de seus tratados. A desistência também poderia possibilitar que outros questionassem a capacidade americana de promover e sustentar qualquer auxílio à comunidade internacional (PAGE, 1996).

Em julho de 1966, 85% das bases do Vietnã do Sul foram destruídas. Porém, as diversas derrotas dos vietcongues não pareciam enfraquecê-los. Eles acreditavam que os americanos eventualmente desistiriam, como fizeram os franceses. Depois de dois anos e meio de constantes bombardeios, os vietcongues

---

está morta; o golpe final ocorreu em 2 de outubro de 1966, e a aeronave retornou nos dias 3 e 9. Foi, sem dúvida, difícil de destruir as instalações ferroviárias sem destruir a cidade.” (tradução nossa).

mostravam-se mais fortes do que no período inicial do conflito. A ausência de negociações foi exposta pela administração americana como intransigências por parte dos comunistas. Como acima mencionado, os propagandistas americanos transferiam constantemente qualquer culpa ao inimigo (WESTHEIDER, 2007).

Figura 7 – “The struggle in South Vietnam”<sup>20</sup>



Fonte: *site* War Stories <<http://www.war-stories.com/war-posters-vietnam-war-usa.htm>>. Imagem divulgada pelo Escritório de Informação de Guerra Americano, em 1966.

<sup>20</sup> “A luta no Vietnã do Sul” (tradução nossa).

Figura 8 - Vietnam war, 1967



Fonte: *site* The Sixties <<http://sixties.twoday.net/topics/war>>. Imagem divulgada pela Força Aérea Americana, em 1967.

As figuras anteriores são ilustres exemplos de *grey propaganda*. Como já visto neste trabalho, a mera revelação da fonte da propaganda não é o suficiente para caracterizá-la como *white propaganda*. Em ambas as imagens, que circularam livremente nos Estados Unidos em 1966 e 1967, a veracidade das informações é questionável. Na primeira, um soldado vietnamita prepara-se para enterrar seu bebê, que foi morto pelos vietcongues. Na segunda, uma jovem norte-vietnamita ameaça tirar a vida de um soldado americano. Esse último cartaz é exposto com o intuito de desumanizar o inimigo, enfatizando que até mesmo uma jovem criança vietcongue é incapaz de piedade. Os americanos divulgaram esses pôsteres de guerra para realçar o princípio de que os vietcongues comunistas eram os vilões e que iniciavam

a violência. Esse tipo de propaganda foi instaurado com a intenção de promover a inocência americana e justificar suas retaliações que se tornavam necessárias devido às constantes instigações dos inimigos.

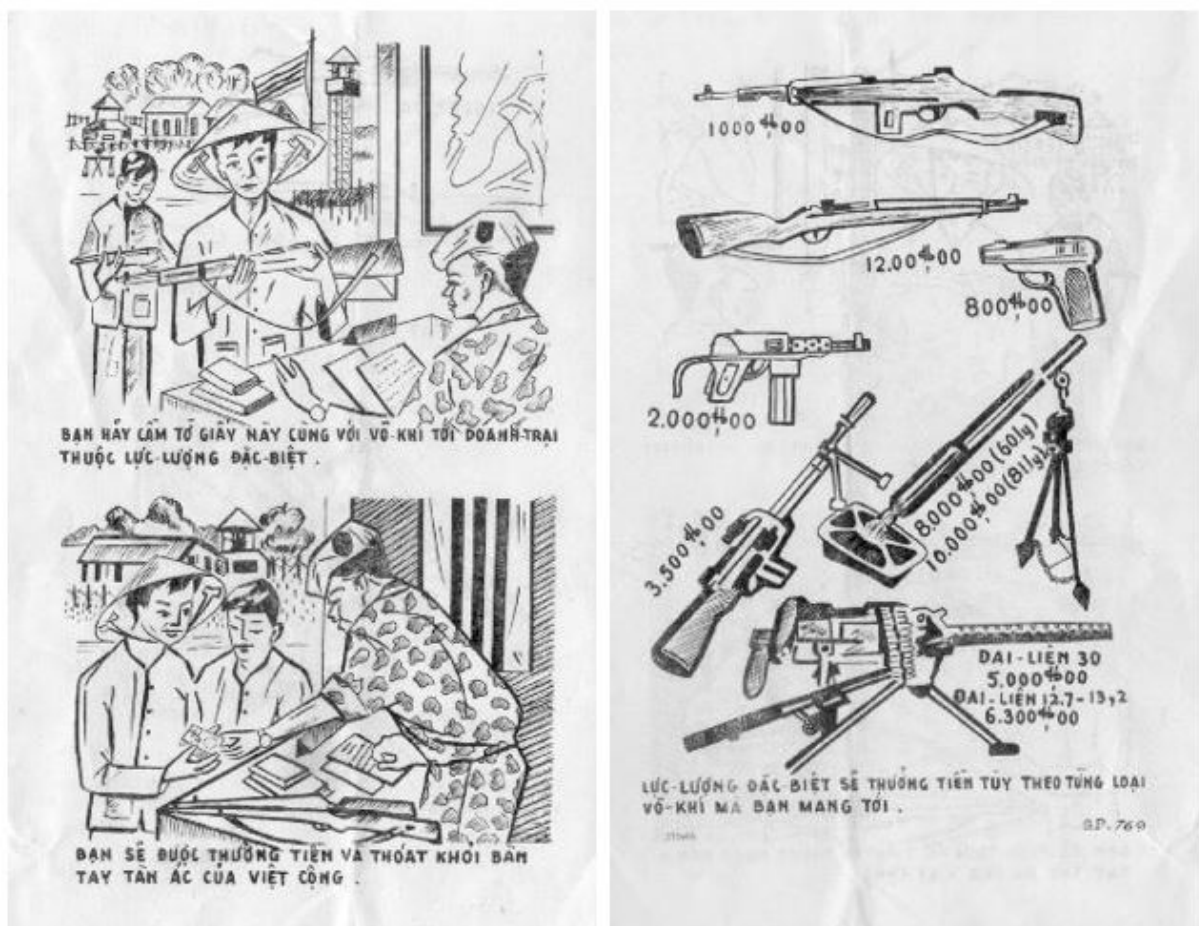
Em novembro de 1967, o número de tropas americanas no Vietnã ultrapassou o de soldados empregados em toda a Guerra da Coreia. O número de americanos mortos pela guerra, desde 1961, chegou a 17 mil, tornando a Guerra do Vietnã o conflito mais caro na história dos estadunidenses. Apesar das mortes, pouco avanço foi dado. As críticas, nesse momento, partiam dos próprios aliados da Organização do Tratado Atlântico Norte, condenando os Estados Unidos por investirem pesadamente em uma guerra que agora os custava £ 3.000 por segundo. Jovens americanos recusavam alistar-se no exército. Os Estados Unidos sabiam que possuíam os meios e as armas para destruir o Vietnã do Norte em segundos, mas também estavam cientes de que essa ação resultaria na intervenção da China e, possivelmente, da União Soviética. Os americanos buscavam estratégias para demonstrar ao Vietnã do Norte que eles jamais alçariam uma vitória militar, devido ao extensivo *hard power* americano. Quanto mais a guerra durava, mais crescia a impopularidade americana. Os protestos internos agora pediam a cessão de sua intervenção (HASTINGS, 1969).

Preocupados, os Estados Unidos adotaram uma série de táticas propagandistas que apelavam diretamente ao nacionalismo sul-vietnamita, o qual se mostrava tímido. Um dos maiores problemas enfrentados pelos propagandistas americanos era retratar a delicada relação entre os Estados Unidos e o Vietnã do Sul. Os Estados eram representados pelas conferências americanas como duas nações soberanas e iguais. Porém, as propagandas expostas pelos vietcongues referiam-se ao Vietnã do Sul como um Estado marionete dos Estados Unidos. Para combater essas afirmações, os americanos buscavam ressaltar a independência do Vietnã do Sul e sua ambição de defender-se de outra nação opressora (o Vietnã do Norte) e de seus perigosos aliados (China e União Soviética). A maioria das operações militares do Vietnã do Sul só foi possível devido ao amplo auxílio econômico americano. Pode-se concluir que sem esses subsídios, a guerra não poderia ser sustentada. Impressões de que os americanos eram os verdadeiros arquitetos da guerra eram, obviamente, indesejáveis. Portanto, o apelo ao nacionalismo sul-vietnamita pode ser classificado como uma medida de *black*

*propaganda*, pois foi um movimento promovido pelo governo americano com intuito de parecer ter emanado internamente (PAGE, 1996).

Também em 1967, surgiram outros exemplos de propaganda política. Incentivados pelo governo americano, os soldados localizados no Vietnã promoveram a divulgação do que ficou conhecido como folhetins de recompensa. Eles geralmente circulavam dentro do Vietnã do Norte e buscavam estimular seus leitores a entregar armas encontradas aos soldados americanos em troca de recompensas monetárias.

Figura 9 - Folhetim SP-769, da *Joint United States Public Affairs Office*



Fonte: *site Psywarrior* <<http://www.psywarrior.com/VNRewardsleaf.html>>.

A imagem acima mostra um folheto produzido em 1967 pela *Joint United States Public Affairs Office* (Juspao), uma agência responsável pela divulgação de informações sobre assuntos públicos e operações psicológicas no Vietnã do Sul entre 1965 a 1972. Na primeira cena, dois civis vietnamitas entregam rifles aos soldados sul-vietnamitas e são recompensados na segunda parte do desenho. No

canto direito da segunda parte da imagem, encontra-se seu título, *SP-769*. Ele foi posteriormente removido, pois a sigla *SP* (*Special Projects*<sup>21</sup>) revelava aos vietcongues que a origem do panfleto era americana, e a intenção da Juspao era sugerir aos vietcongues que os panfletos originavam de seu próprio governo. Eles tiveram sua circulação intensificada durante o governo seguinte. Em síntese, essa propaganda fazia-se passar por uma propaganda amiga, ou seja, uma propaganda interna, quando, na verdade, provinha do inimigo. Isso constitui um exemplo clássico de *black propaganda* (FRIEDMAN, 2006).

Apesar das manifestações, os conflitos armados continuaram. Os primeiros dois meses de 1968 marcaram as ofensas mais graves dos vietcongues. Armados e financiados pelos vietcongues, 5 mil guerrilhas se infiltraram em Saigon, a capital do Vietnã do Sul. Esses foram responsáveis por uma série de movimentos suicidas que atacaram o Palácio Presidencial, a Estação de Rádio de Saigon e a Embaixada dos Estados Unidos. Outras guerrilhas ocuparam os aeroportos e os pontos de alta movimentação de Saigon. Nesse momento, a guerra foi levada às ruas. Surpreendidos, os americanos reagiram imediatamente. Os vietcongues foram publicamente executados por tropas da polícia vietnamita do sul (HASTINGS, 1969).

Os americanos indagavam cada vez mais a veracidade das informações que eram distribuídas. Eles protestavam afirmando que o seu governo lutava uma guerra sem o consentimento do povo. Foi nesse período que se solidificou um fenômeno caracterizante da administração de Johnson em relação à guerra, conhecido como *The Credibility Gap*<sup>22</sup>.

### **3.3 *The Credibility Gap***

A propaganda oficial da administração de Johnson agora deparava-se com uma série de problemas. Durante as eleições do ano de 1964, Johnson promoveu uma campanha extremamente pacífica. O então candidato prometeu aos eleitores americanos que nenhum soldado seria despachado para lutar a batalha que pertencia aos sul-vietnamitas. Outra afirmação de sua campanha foi que o Vietnã do Norte não seria bombardeado. Ironicamente, três meses após sua eleição, tropas

---

<sup>21</sup> “Projetos especiais” (tradução nossa).

<sup>22</sup> “O vácuo de credibilidade” (tradução nossa).

americanas bombardeavam o Vietnã do Norte e instalavam-se no Vietnã do Sul (PAGE, 1996).

Apesar das táticas de contenção de informação anteriormente mencionadas, a mídia e a população americana compreenderam que uma guerra havia se materializado. *The Credibility Gap* é o termo utilizado nesse período para ilustrar o ceticismo dos americanos em relação à veracidade das informações divulgadas pelo governo (BIA, 2013).

Os crescentes movimentos pacifistas provaram que, em 1966, a maioria dos americanos opunha-se à guerra e às campanhas elusivas do governo. As tentativas de Johnson de esconder a expansão da guerra e promover versões otimistas, porém desleais, sobre o conflito e a força militar americana não geraram o esperado efeito tranquilizante. Pelo contrário: a população mostrou-se confusa e dividida. Enquanto uma parcela predominante (constituída majoritariamente por democratas) exigia o fim do conflito, outra (em grande parte, republicanos) defendia a presença americana no território estrangeiro. Pode-se concluir que o presidente Johnson superestimou os limites de manipulação da *grey propaganda*.

Lyndon Johnson ordenou, em março de 1968, uma cessão imediata dos bombardeios ao norte (esses, porém, continuaram no sul) devido à intensificação de pressões públicas. O discurso pacifista de Johnson obteve reações positivas de Hanói. Possibilidades de um tratado de paz emergiram em maio de 1968. Porém, esse chegou a um impasse com a eleição do republicano Richard Nixon, em 1969 (VIETNAM..., 2009).

### **3.4 A campanha propagandista de Richard Nixon**

Nixon assumiu o governo americano, em 1969, ciente de que a chave para seu sucesso como presidente seria encerrar a Guerra do Vietnã de forma honrosa. Nos seus primeiros meses de governo, Nixon ordenou uma série de bombardeios secretos às bases de vietcongues acampados no Camboja (ENDING..., 2013). Seu pensamento estratégico era mostrar aos vietcongues que os americanos possuíam condições reais de prolongar a guerra. O presidente visava intensificar as pressões militares e diplomáticas norte-americanas sobre a China e a União Soviética, com o

objetivo de que esses apoiassem as negociações que seriam posteriormente conhecidas como “Os Acordos de Paz de Paris”. Apesar de um cenário otimista no fim de 1968 e no início de 1969, as diferenças entre os americanos e os vietcongues mostraram-se inconsoláveis. As casualidades aumentaram consideravelmente nesse período.

Nixon relatou que suas metas englobavam três premissas em relação ao Vietnã:

First, I would have to prepare public opinion for the fact that total military victory was no longer possible. Second, I would have to act on what my conscience, my experience, and my analysis told me was true about the need to keep our commitment. To abandon South Vietnam to the Communists now would cost us inestimably in our search for a stable, structured, and lasting peace. Third, I would have to end the war as quickly as was honorably possible.<sup>23</sup> (NIXON *apud* PAGE, 1996, p. 264)

É possível afirmar que as três premissas acima citadas mostraram-se incompatíveis. Primeiramente, não seria necessário preparar a opinião pública para a ausência de uma vitória militar total, pois a administração do presidente Johnson já havia trabalhado cuidadosamente para promover a ideia de que tal vitória não era a meta do governo americano. Em relação à segunda e à terceira premissa, pode-se dizer que uma anulava totalmente a outra: manter o compromisso americano com o Vietnã do Sul significava, inevitavelmente, o prolongamento da guerra enquanto o governo sul-vietnamita não fosse capaz de se autossustentar.

Apesar do legado de terminar a guerra, questão apoiada em sua campanha eleitoral, Nixon lutou, durante os quatro anos seguintes, pelos mesmos objetivos originalmente propostos pelo presidente Johnson. Uma dessas metas era manter a credibilidade do governo americano e, ao mesmo tempo, sustentar a imagem ilusória de que ele ainda estava comprometido com sua campanha. Em 1969, entretanto, tornou-se claro que a batalha propagandista pela justificativa da intervenção militar americana no Vietnã havia fracassado. A própria eleição de Nixon apresentou uma rejeição pelas políticas americanas de guerra que propagavam “mais do mesmo”.

---

<sup>23</sup> “Primeiro, eu teria que preparar a opinião pública para o fato de que uma total vitória militar não era mais possível. Segundo, eu deveria agir, baseado no que minha consciência, minhas experiências e minhas análises me diziam ser verdade em relação à necessidade de manter nosso compromisso. Abandonar o Vietnã do Sul para os comunistas, agora, custaria-nos imensamente em nossa busca pela paz estável, estruturada e duradoura. Terceiro, eu teria que encerrar a guerra da forma mais rápida e honrosa possível.” (tradução nossa).



Porém, uma das metas primordiais de propaganda de Nixon era manter a imagem de que a administração americana estava determinada a promover a paz e a manter o apoio dos eleitores e de seus aliados internacionais (ALLEN, 2008).

Figura 10 - The Victory Salute



Fonte: *site* Library of Congress <<http://www.loc.gov/pictures/item/97521134/>>.

A imagem acima, de George Oliphant, retrata a recorrente postura do presidente Nixon durante sua campanha eleitoral de 1968. O então candidato cumprimentava a plateia erguendo ambos os braços e fazendo o sinal universal da paz com ambas as mãos. Essa ação representava sua promessa de lutar pela serenidade em seu governo, encerrando o envolvimento americano com a Guerra do Vietnã. Essa propaganda enganosa encobre os verdadeiros objetivos de Nixon e, por isso, pode ser caracterizada como *grey propaganda*.

“A busca pela paz” foi um tema recorrente durante o governo de Johnson e continuava sendo disseminado pelo governo de Nixon, porém com uma diferença crucial: no primeiro caso, os propagandistas oficiais defendiam que a instauração da paz só seria efetivada através da intensificação da guerra, e já durante a administração de Nixon, esses ideais não podiam mais ser propagados, pois o clima público havia mudado drasticamente e desenvolvido uma forte postura antiguerra. A busca pela paz deveria ser, agora, perseguida de forma mais rigorosa e menos agressiva do que no governo anterior (PAGE, 1996).

Em resumo, as inovações de conduta de política externa do governo de Nixon englobaram o desenvolvimento de táticas que apoiavam o fortalecimento da pressão militar secreta no Vietnã do Norte pareadas com ameaças (encobertas pelo governo) de severas agressões, caso esse colocasse a segurança americana em maior risco. A outra estratégia de Nixon, como anteriormente mencionado, era fortalecer a imagem de um governo pacífico. Apesar de as medidas propagandistas desse governo serem, em grande parte, a *grey propaganda*, a *black propaganda* também esteve presente. Deve ser ressaltado que existe uma frágil margem entre esses dois tipos de propaganda. A *black propaganda* é produzida com a intenção de subversão e é mais eficaz quando parece emanar de uma fonte legítima. Por exemplo, os bombardeios secretos de Nixon aconteceram em um momento em que o presidente pregava a instauração de acordos de paz, ou seja, os Estados Unidos divulgavam falsas informações sobre suas supostas intenções não agressivas, enquanto sabiam-se que estas eram infundadas. A intenção americana era, claramente, o rendimento e a humilhação total dos vietcongues e, naturalmente, sua vitória militar (PAGE, 1996).

Conforme Valentine (2013), a *black propaganda* tornava-se cada vez mais comum nesse período. A Agência Central de Inteligência americana (CIA) espalhava, principalmente para os soldados americanos baseados no Vietnã em 1969, contos infundados sobre os vietcongues. Obviamente, a origem dessas histórias nunca era revelada. Era propagado às tropas estadunidenses que os Vietminh estupravam mulheres católicas grávidas, castravam padres e mutilavam os ouvidos de crianças vietnamitas para impedi-las de ouvirem as palavras de Deus. Essas informações, supostamente, facilitaram o extermínio dos inimigos por os retratarem como um povo maldoso e impiedoso (VALENTINE, 2013).

Para manter as aparências de que os Estados Unidos estavam realmente determinados a concluir seu envolvimento no conflito, Nixon lançou, no fim de 1969, a célebre estratégia conhecida como *Vietnamization*<sup>24</sup>. Ela comprometeu-se a promover a retirada das tropas americanas da área de combate e transferir as responsabilidades militares aos vietnamitas do sul. Essa política visava mostrar para os cidadãos americanos que o atual governo intencionava o fim da guerra. Nesse

---

<sup>24</sup> “Vietnamização” (tradução nossa).

momento, a Guerra do Vietnã continuava extremamente impopular, gerando severas divisões na sociedade americana (WESTHEIDER, 2007).

A política da *Vietnamization* mostrou-se muito mais valiosa como um programa propagandista do que como militar. Ela possuía diversos propósitos. Com sua implementação, não poderia mais ser dito que os Estados Unidos haviam abandonado seus aliados, pois as tropas americanas tinham se comprometido a fortalecer e a treinar o exército sul-vietnamita. Essa transferência de responsabilidade aos cidadãos do sul também mostraria para a comunidade internacional que os americanos cumpriram sua promessa de cessar a guerra. Outro objetivo da *Vietnamization* era enfatizar as intenções pacíficas do presidente Nixon e concretizar o lema de sua doutrina: ajudar as nações a se ajudarem. Essa postura também mostrava ao público que a atual administração possuía muito mais controle da situação da guerra do que a anterior, do presidente Johnson. Finalmente, a adoção dessa política, supostamente, promoveria o honroso fim da guerra visado por Nixon. As tropas estadunidenses permaneceriam no Vietnã prestando apoio ao exército aliado, ajudando-os a “ganhar” a guerra sem mais casualidades americanas. A vitória seria vista pela comunidade internacional como um grande mérito americano (PAGE, 1996).

### **3.5 O término da Guerra do Vietnã**

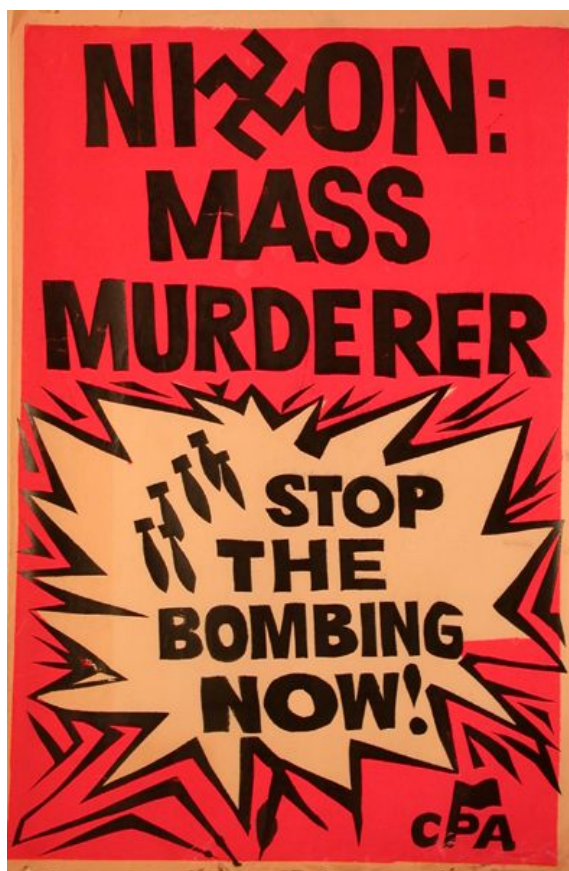
Os protestos antiguerra americanos cresceram em larga escala, principalmente nos anos de 1968 e 1969. Ocorreu, em novembro de 1969, em Washington, a capital do país, o maior protesto até então. Mais de 250 mil americanos se uniram pacificamente e pediram a retirada total das tropas americanas do Vietnã. O grande problema dessa administração mostrava-se o mesmo da anterior. Apesar da redução dos militares enviados, não havia evidência de nenhum progresso para o fim da guerra. Em 1971, os *Pentagon Papers*<sup>25</sup> foram vazados para o célebre jornal americano *The New York Times*. Eles continham informações confidenciais sobre o envolvimento americano com o Vietnã desde o término da Segunda Guerra Mundial até os dias de então. Resumidamente, os estudos abrangidos nos *Pentagon Papers* confirmaram as suspeitas públicas de que o governo americano havia mentido

---

<sup>25</sup> “Documentos do Pentágono” (tradução nossa).

sistematicamente. Eles denunciaram que a administração anterior tinha intencionalmente expandido o conflito com o Vietnã, revelando, também, os bombardeios secretos de Laos e do Camboja, que não foram divulgados pelas mídias tradicionais. As revelações mostraram as verdadeiras intenções dos ex-presidentes americanos, principalmente as de Johnson. As conclusões desses arquivos também revelaram que a guerra havia se tornado invencível em 1969. Nesse momento, o *The Credibility Gap*, de qual Nixon tentava desassociar sua administração, alargou-se (ALLEN, 2008).

Figura 11 - "Stop the Bombing Now"



Fonte: tumblr Robin Winters <<http://robinwinters.tumblr.com/post/4095491282>>. Imagem divulgada pelo Partido Comunista Americano, em 1970.

Figura 12 - “Nazi Nixon”



Fonte: *site* San José Peace & Justice Center  
 <<http://www.sanjosepeace.org/mediagallery/media.php?f=0&s=20080906123804571>>.

As imagens anteriormente expostas demonstram a profundidade do nível de revolta populacional contra a guerra e o presidente Nixon. Vale destacar que uma parcela significativa da população americana, descrita por Nixon como a “*Silent Majority*”<sup>26</sup>, continuava a não manifestar suas opiniões em relação à guerra. Ambas as propagandas brincam com a suástica e com o nome do então presidente. Seu autoritarismo era frequentemente comparado ao de Adolf Hitler. Essas comparações eram comumente divulgadas por universitários inconformados com o conflito. Artigos da *The New York Times* comparavam as medidas propagandistas abordadas por Nixon às obscuras propagandas impostas por Hitler durante o período da Segunda Guerra Mundial. A aproximação de Nixon a Hitler associava o presidente a um dos personagens mais maléficos da história e, conseqüentemente, desacreditava suas intenções administrativas (GALLAGHER, 2005). A série de números exibida no canto direito inferior da segunda imagem é, muito provavelmente, um código expedido pelo Departamento Policial de Berkley, que impediu que o pôster fosse removido e autorizou sua circulação nacional (NIXON..., 2008).

O governo de Nixon parecia, até então, incapaz de sustentar a Guerra do Vietnã, sobretudo quando as eleições se aproximavam. Em 1971, Nixon anunciou o regresso de outros 100 mil soldados, restando 184 mil no local. A política de *Vietnamization* não se mostrou suficiente para reconquistar o apoio doméstico,

<sup>26</sup> “Maioria silenciosa” (tradução nossa). Esse termo foi popularizado por Nixon em seu célebre discurso de 1969.

principalmente após o vazamento dos *Pentagon Papers*. Porém, em 1972, Nixon viajou para a China e, em seguida, para Moscou com o intuito de provar suas tentativas de paz para os americanos e o restante da comunidade internacional. Essas providências, pareadas com o declínio de tropas armadas no Vietnã, contentaram os americanos suficientemente para reelegerem Nixon em 1972 (ALLEN, 2008).

Somente um mês após a visita de Nixon à China, os vietcongues atacaram brutalmente, dissolvendo qualquer esperança do presidente de que os aliados comunistas do Vietnã do Norte exerceriam pressão suficiente para fazer com que esses se rendessem. Novamente, os ataques foram contidos pelos americanos, mas ficou claro que a existência do Vietnã do Sul como um Estado soberano dependia completamente dos Estados Unidos (PAGE, 1996).

Em junho de 1972, depois de uma série de operações fracassadas, Hanói mostrou-se disposta ao diálogo. O então Secretário de Estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger, e os representantes norte-vietnamitas rascunharam uma proposta de paz, que foi eventualmente rejeitada por Saigon. Em dezembro, Nixon autorizou o ataque que ficou conhecido como “*The Christmas Bombings*”<sup>27</sup>, que, novamente, instigou a condenação internacional (CANTU; CANTU, 2002).

Finalmente, após oito anos de combates extensivos, foram assinados os Acordos de Paz de Paris, em janeiro de 1973. Embora esse não tenha influenciado no término dos conflitos internos no Vietnã, ele marcou o retorno de todas as tropas americanas aos Estados Unidos. Nixon, entretanto, continuou promovendo o envio de recursos às forças militantes no Vietnã do Sul. Entre 1973 e 1975, sete bilhões de dólares foram investidos em operações de apoio. Mesmo assim, os sul-vietnamitas sofreram uma continuidade de ataques e mostraram-se incapazes de sustentar a guerra sem o apoio dos americanos. Em abril de 1975, o presidente sul-vietnamita, Nguyen Van Thieu, entregou sua resignação. Esse evento marcou a rendição dos aliados americanos e a queda de Saigon para as tropas comunistas. A Segunda Guerra da Indochina terminou, oficialmente, em 30 de abril de 1975, dia conhecido posteriormente como *Victory Day*<sup>28</sup> (CANTU; CANTU, 2002). Em 1976, o Vietnã do

---

<sup>27</sup> “Os Bombardeios de Natal” (tradução nossa)

<sup>28</sup> “Dia da Vitória” (tradução nossa).

Norte e o Vietnã do Sul foram unificados, constituindo a moderna República Socialista do Vietnã.

Foram analisados, nessa unidade, exemplos concretos dos três modelos de propaganda anteriormente propostos. Quando os Estados Unidos ingressaram na guerra, eles eram vistos como um gigante econômico virtualmente invencíveis devido a seus vastos recursos. Apesar de terem ganhado a maioria dos confrontos militares contra os vietcongues, os americanos foram forçados a recuar, pois as consequências políticas dessas vitórias mostraram-se severas, resultando na queda de apoio doméstico. A guerra que os Estados Unidos, de fato, perderam foi a guerra para persuadir seu público interno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envolvimento americano com o Vietnã iniciou-se na segunda metade da Guerra Fria. Esse ambiente político de constantes mudanças apresentou diversos problemas que ajudaram a abalar a propaganda oficial americana. Quando o presidente Lyndon Johnson imergiu oficialmente no conflito armado em 1965, sob justificativa de que o Vietnã do Sul, “livre e democrático”, não poderia continuar sendo vítima das agressões comunistas internacionais exercidas pelo Vietnã do Norte, a relação entre os Estados Unidos (e seus demais aliados ocidentais) e seus dois antagonistas políticos e ideológicos (China e União Soviética) já havia deixado de ser amigável e mostrava-se gradualmente conturbada.

Desde o início dessa imersão, houve uma dicotomia entre o ambiente político internacional identificado na propaganda oficial americana, o qual culpava a China e a União Soviética pela desarmonia global e pela Guerra do Vietnã, e o ambiente político internacional real. Neste, as duas potências comunistas mostravam-se relutantes a embarcar em um conflito, mas estavam compelidas devido aos seus motivos de rivalidade entre si próprias e, principalmente, com os Estados Unidos.

Em termos de propaganda, o Vietnã do Norte era visto pelos americanos como uma ferramenta de propagação do comunismo. As análises do conflito os interessavam somente em sua ideologia internacional e em como dissolvê-la através do *hard power* ocidental. As políticas norte-vietnamitas locais, sociais e econômicas (que operavam independentemente e mostravam-se suficientes para gerar discordâncias com a população no sul) eram ignoradas pelos estadunidenses. As percepções americanas desorientadas formularam uma política propagandista que retratou a guerra de forma simplificada e irreal. A constante distorção dos fatos montou um cenário que impulsionou o surgimento de propagandas reversas, compelindo a própria população americana a revoltar-se contra as medidas excessivamente agressivas. Por determinado período, principalmente durante a administração de Eisenhower e a inicial de Johnson, a mídia e o seu público pareciam confiar plenamente no governo americano. As incoerências entre as informações oficiais divulgadas e a realidade do conflito, quando percebidas, eram



facilmente encobertas pelos meios de comunicação sociais. Com a evolução do *The Credibility Gap*, essas diferenças tornaram-se grandes demais para serem encobertas. As defasagens, quando expostas, constituíram o fator principal de suspeita de credibilidade da administração americana.

Como visto no capítulo três, a retaliação americana foi inicialmente apoiada devido à crença de que a intransigência comunista prolongava o combate enquanto os americanos faziam o possível para promover um acordo. Embora o apoio interno americano tenha sido grande no início do conflito, sua perduração não ocorreu. Os métodos agressivos utilizados pelos americanos e a devastação do Vietnã aterrorizava cada vez mais a esfera internacional. A propaganda do governo de Johnson afirmava continuamente que os acordos de paz não eram consolidados devido aos desejos beligerantes dos comunistas.

A evolução da guerra e o desenrolar do tempo não favoreceram o presidente Johnson. A maioria de suas implementações propagandistas, como seu silêncio e sigilo inicial, pareado às suas supostas intenções de “não buscar uma guerra maior” só foram sustentadas durante um curto período. Gradualmente, o argumento de que a Guerra do Vietnã tratava-se de um plano de expansão ideológica do bloco comunista deslindou. Os *Pentagon Papers* expuseram as constantes manipulações e falsidades do governo americano. Entretanto, esses documentos também provaram que o fracasso da propaganda americana desse período não ocorreu devido a uma falta de esforço ou de consciência por parte da administração, mas sim porque o governo de Johnson reconheceu a importância das medidas propagandistas para obter o apoio interno e devotou grande parte de sua agenda a isto. A publicidade americana do governo do presidente Johnson é um nítido exemplo de propaganda fracassada devido à vasta perda do apoio populacional interno e externo.

Os manifestantes que eram contra a guerra mostraram-se esperançosos com a eleição do novo presidente Nixon, em 1969, devido às suas promessas de eclosão do conflito armado. Porém, as falhas deste governo mostraram-se muito similares às do mandato anterior. O retardamento de acordos pacíficos angustiava cada vez mais o povo americano e resultava em críticas provindas até mesmo dos próprios aliados

ocidentais. Mesmo observando que a Guerra do Vietnã não era mais vencível, nenhum americano desejava testar as previsões da Teoria do Efeito Dominó.

As medidas propagandistas abordadas pelos Estados Unidos foram, inicialmente, de *white propaganda*. Com o desencadeamento da guerra, essas propagandas “escureceram”. Elas caminharam rapidamente, entre os governos de Eisenhower e Johnson, de *white* para *grey*. Já a propaganda dos governos de Johnson e Nixon oscilou entre *grey* e *black*, embora a maioria possa ser caracterizada como a primeira.

Embora os Estados Unidos tivessem falhado em sua missão de impedir uma vitória comunista no Vietnã, os efeitos da Teoria do Efeito Dominó não aconteceram como previstos. As consequências globais da falha americana foram muito menos rigorosas do que as declarações que os governantes apontavam. Embora regimes comunistas tenham sido implantados em Laos e no Camboja após a Guerra do Vietnã, o comunismo não conseguiu se espalhar para o restante do sudeste asiático.

O desonesto manuseio de informações e de divulgação da propaganda oficial americana destruiu a legitimidade americana e, posteriormente, resultou em seu fracasso. Nesse cenário, os elementos do *soft power* foram altamente relevantes. Ele não pode e não deve ser posicionado em segundo plano na agenda internacional. Ironicamente, o Estado com maior posse de *hard power* perdeu a guerra para uma nação extremamente carente militar e economicamente.

Pode-se concluir que os Estados Unidos possuíam todas as ferramentas de *hard power* que possibilitariam seu triunfo sobre o Vietnã. Porém, as consequências dessas ações seriam extremamente rigorosas. A falha das medidas propagandistas implantadas pela propaganda oficial americana constituiu um dos motivos para a derrota dos Estados Unidos. Caso ambas as administrações não tivessem manipulado e escondido informações de formas tão drásticas, como mostrado no capítulo três, o apoio populacional americano, provavelmente, teria sido maior e mais significativo. Essa queda de apoio também foi refletida na comunidade internacional, fator de extrema relevância em um período de dependência mútua entre Estados. Em outras palavras, caso a maioria da propaganda oficial americana fosse *white propaganda*, os resultados do conflito poderiam ter sido bastante

diferentes. Portanto, a maior falha propagandista do governo americano no período da Guerra do Vietnã foi o abuso extensivo das maliciosas *grey* e *black* propaganda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHBAR, M.; WINTONICK, P. **Manufacturing of consent: Chomsky and the media.** Washington D.C.: The American University, 1992.

ADAS, M. **America, the Vietnam War and the world.** Berlim: German Historical Institute, 2003.

ALLEN, J. **Vietnam: the (last) war the U.S. lost.** Chicago: Haymarket Books, 2008.

ALSTEIN, M. **The meaning of hostile bipolarization: interpreting the origins of the Cold War.** v. 9, n. 3. Bélgica: Universidade de Antuérpia, 2009.

BIA, K. **Credibility gap.** [S.l.]: The Vietnam War, 2013. Disponível em: <<http://thevietnamwar.info/vietnam-war-fact-credibility-gap/>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

CANTU, A; CANTU, S. **The Vietnam War: a national dilemma.** Los Angeles: Universidade da Califórnia, 2002.

CARR, E. **Vinte anos de crise: uma introdução aos estudos das Relações Internacionais.** London: Macmilian, 1939. Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/40-Vinte\\_Anos\\_de\\_Crise\\_-\\_1919-1939.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/40-Vinte_Anos_de_Crise_-_1919-1939.pdf)>. Acesso em: 9 jan. 2014.

CHOMSKY, N. **O que o Tio Sam realmente quer.** Brasília: Universidade de Brasília, 1992. Disponível em: <[http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/o\\_que\\_o\\_tio\\_sam\\_realmente\\_quer\\_chomsky.pdf](http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/o_que_o_tio_sam_realmente_quer_chomsky.pdf)>. Acesso em: 25 maio 2014.

COLONA, W. **Social media and the advancement of America's soft power by public diplomacy.** Washington: Georgetown University, 2012. Disponível em: <[https://repository.library.georgetown.edu/pdfpreview/bitstream/handle/10822/557634/Colona\\_georgetown\\_0076M\\_11551.pdf?sequence=1](https://repository.library.georgetown.edu/pdfpreview/bitstream/handle/10822/557634/Colona_georgetown_0076M_11551.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 28 ago. 2014.

**EISENHOWER gives famous "domino theory" speech.** [S.l.]: History.com, 2009. Disponível em: <<http://www.history.com/this-day-in-history/eisenhower-gives-famous-domino-theory-speech>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

**ENDING the Vietnam War, 1969-1973.** [S.l.]: U.S Department of the State Office of the Historian, 2013. Disponível em: <<https://history.state.gov/milestones/1969-1976/ending-vietnam>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

FRIEDMAN, H. **Reward leaflets of the Vietnam War.** [S.l.]: Psywarrior, 2006. Disponível em: <<http://www.psywarrior.com/VNRewardsleaf.html>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

GADDIS, J. L. **The Cold War: a new history.** Nova Iorque: Penguin Group, 2007.

GALLAROTTI, G. **Soft power**: what it is, why it's important, and the conditions for its effective use. Middletown: Wesleyan University, 2011. Disponível em: <[http://works.bepress.com/cgi/viewcontent.cgi?article=1002&context=giulio\\_gallarotti](http://works.bepress.com/cgi/viewcontent.cgi?article=1002&context=giulio_gallarotti)>. Acesso em: 5 maio 2014.

GALLAGHER, M. **The President Nazi**. Santa Bárbara: Universidade da Califórnia, 2005.

HASTINGS, P. **The Cold War**. Londres: Ernest Benn Limited, 1969.

JOFFE, J. **The perils of soft power**. Nova Iorque: The New York Times, 2006. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2006/05/14/magazine/14wwln\\_lede.html?pagewanted=all&\\_r=1&](http://www.nytimes.com/2006/05/14/magazine/14wwln_lede.html?pagewanted=all&_r=1&)>. Acesso em: 5 mar. 2014.

LITTEL, M. **World history: patterns of interaction**. Illinois: Student Edition Grades, 2008.

KAUPPI, M; VIOTTI, P. **International relations theory**. 5. ed. Glenview: Pearson Education, Inc., 2012. 477p.

MARINUCCI, R. Relações internacionais e mídia. **Revista Relações Internacionais e Mídia**, v. 6, n. 1, p. 43-52. Brasília: Uniceub, 2008. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/relacoesinternacionais/article/viewFile/836/712>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

MESSARI, N.; NOGUEIRA J. P. **Teoria das Relações Internacionais**: correntes e debates. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NIEBUHR, R. **Reinhold Niebuhr on politics**: his political philosophy and its application to our age as expressed in his writings. Nova Iorque: Scribner, 1960. Disponível em: <<http://www.questia.com/read/11174295/reinhold-niebuhr-on-politics-his-political-philosophy>>. Acesso em: 29 maio 2014.

**NIXON Swastika Berkley**. [S.l.]: San José Peace & Justice Center, 2008. Disponível em: <<http://www.sanjosepeace.org/mediagallery/media.php?s=20080906123804571>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

NYE, J. S. **Cooperação e conflito nas Relações Internacionais**. São Paulo: Gente, 2009.

NYE, J. S. **Soft power**: the means to success in world politics. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

NYE, J. S. **The future of power**. Nova Iorque: Perseus Books Group, 2011. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=AH08y1Bi1Y0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=AH08y1Bi1Y0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 25 fev. 2014.

OLIVEIRA, S. R. **A mídia como ator emergente das Relações Internacionais**: seu protagonismo no uso do soft power frente aos desafios das mudanças climáticas. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94242/284318.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

PAGE, C. **U.S. official propaganda during the Vietnam War (1965-1973)**. Londres: The Leicester University Press, 1996.

PECHATNOV, V. **The big three after World War II**: new documents on soviet thinking about post war relations with the Unites States and Great Britain. Washington D.C.: Woodrow Wilson International Center for Scholars, 1995. Disponível em: <<http://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/ACF17F.PDF>>. Acesso em: 3 mar. 2014.

SMITH, S. **The United States and the discipline of international relations**: hegemonic country, hegemonic discipline. *International Studies Review*, v. 4, n. 2, 2002.

**THE COLD War (1945-1989)**. [S.l.]: Centre Virtuel de La Connaissance sur l'Europe, 2014. Disponível em: <[http://www.cvce.eu/content/publication/2011/11/21/6dfe06ed-4790-48a4-8968-855e90593185/publishable\\_en.pdf](http://www.cvce.eu/content/publication/2011/11/21/6dfe06ed-4790-48a4-8968-855e90593185/publishable_en.pdf)>. Acesso em: 29 maio 2014.

VALENTINE, D. **The CIA, the press and black propaganda**. [S.l.]: Counter Punch, 2013. Disponível em: <<http://www.counterpunch.org/2013/09/16/the-cia-the-press-and-black-propaganda/>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

**VIETNAM War History**. [S.l.]: History.com, 2009. Disponível em: <<http://www.history.com/topics/vietnam-war/vietnam-war-history>>. Acesso em: 3 nov. 2014.

VIZENTINI, P. **Da Guerra Fria à crise**: Relações Internacionais do século 20. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990.

WELCH, D. **Propaganda**: power and persuasion. Londres: The British Library, 2013.

WENGER, A.; ZIMMERMAN, D. **International relations**: from the Cold War to the globalized world. Colorado: Lynne Rienner, 2003.

WESTHEIDER, J. E. **The Vietnam War**. Westport: The Greenwood Press, 2007.